

FRANCISCO TOPA

UM CASO DO SÉCULO XVIII:

ISABEL XAVIER CLESSE, A *PARCA CRISTALEIRA*

— Poemas inéditos sobre o tema

Edição do Autor

Porto — 2000

Para a minha mãe

Para a Teresa

ÍNDICE

Apresentação	9
Siglas e abreviaturas utilizadas	11
I. Isabel Xavier Clesse: O <i>caso</i> e o seu tratamento literário	13
II. Inventário testemunhal dos textos sobre o tema	27
1. Textos já publicados	29
2. Textos inéditos	30
III. Normas de transcrição dos textos e critérios da edição	39
1. Opções de base	41
2. Normas de transcrição dos textos	42
3. Apresentação do texto crítico e do aparato	46
IV. Edição crítica	51
A. Elegias	53
1. <i>Agora que da dor menos cansado</i>	55
2. <i>O acto da Tragédia lastimosa</i>	63

B. Odes	71
3. <i>Saiu o Sol no carro refulgente</i>	73
C. Silvas	79
4. <i>Enfim, chegou aquele infausto dia</i>	81
D. Romances heróicos	85
5. <i>Não temer que me aperte o laço forte</i>	87
E. Sonetos	93
6. <i>Caminhava Isabel, que infausto dia!</i>	95
7. <i>Vai à forca Isabel, que desventura!</i>	96
8. <i>Não te envergonhe veres tanta gente</i>	97
9. <i>Sobe, Isabel, a escada e vai beijando</i>	98
10. <i>Se até agora, Isabel, na infame vida</i>	99
11. <i>Não temas suportar, Bela Heroína</i>	100
12. <i>Adeus, povo, adeus, Mundo, adeus, memória</i>	101
13. <i>Vinde, vinde, meu Deus; vinde, adorado</i>	102
14. <i>Morro, Esposo cruel, morro culpada</i>	103
15. <i>Caminhas ao patíbulo culpada</i>	105
16. <i>Adeus, querido Esposo, adeus, Consorte</i>	107
17. <i>Como em teu brando peito, minha Esposa</i>	108
18. <i>Sobe a escada, Isabel, pois chega a hora</i>	109
19. <i>Aquela que tu vês tão descorada</i>	110
20. <i>Homem, não tenhas dó, cumpra-se a Sorte</i>	112
21. <i>Beleza mais que todas desgraçada</i>	113
22. <i>De Estrelas Isabel foi coroada</i>	114
23. <i>Do delito que fez já penitente</i>	115
24. <i>Correi, vizinhos meus, estai-me atentos</i>	116
25. <i>Caminhante que paras assustado</i>	117
26. <i>Vós, formosas mulheres, que hoje viste</i>	118

27. <i>Que novo invento é este de impiedade</i>	119
28. <i>Poetas infernais, quem vos não corta</i>	121
F. Glosas em décimas heptassilábicas	123
29. <i>Com o rosto macilento</i>	125
30. <i>Já na terra está posto</i>	128
G. Poemas em décimas heptassilábicas	131
31. <i>Tendo seu marido doente</i>	133
H. Cartas	139
32. <i>Meu amigo, se é que os és</i>	141
V. Informação biobibliográfica sobre os autores dos textos	145
1. António dos Santos Ribeiro	147
2. Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral	148
3. Francisco Xavier Lobo	150
4. José Inácio Barbosa	151
5. Manuel de Macedo Pereira de Vasconcelos	151
6. Nicolau Tolentino de Almeida	153
VI. Bibliografia	155

APRESENTAÇÃO

Este trabalho incide sobre um *caso*, ocorrido entre 1771 e 1772, que abalou a sociedade lisboeta setecentista, gerando um grande número de poemas, maioritariamente anónimos, com motivos de interesse de vários tipos. A causa da atenção que despertou não terá sido apenas, como explicaremos na introdução, o tipo de crime – o adultério feminino – nem a severidade da punição – o enforcamento. Terá sido sobretudo a forma encontrada pela mulher, Isabel Xavier Clesse de seu nome, para manter uma relação extraconjugal ameaçada pelo regresso a casa do seu marido, piloto da carreira das Índias: provocar-lhe a morte num contexto que sugerisse que ela resultara de uma doença. A arma seria um clister receitado pelo médico, a que ela juntou uma porção de “água forte”, isto é, de ácido nítrico. O desenlace não seria contudo o esperado: para usarmos a curiosa expressão de Francisco Xavier Lobo, numa carta em que conta a um amigo as novidades da Corte, «Não se matou o inimigo, mas ficou arruinado inteiramente, porque as tripas sentiram na alma a guerra feita nos Países Baixos». Perturbada, Isabel Clesse põe-se em fuga, dando assim à acusação a prova decisiva.

A estes ingredientes, já de si bastante atractivos, juntava-se – a fazer fé nas composições que recolhemos – a circunstância de a criminosa ser jovem e bonita. Tudo isto terá contribuído para fazer do caso um acontecimento público, de que não poderiam ter ficado alheados os poetas da época, entre os quais encontraremos

autores consagrados, como Nicolau Tolentino ou António Ribeiro dos Santos. A quantidade de composições alusivas ao tema explica-se também pelo facto de a literatura deste período ter um forte componente celebratório e estar bastante condicionada por episódios de grande impacto: veja-se, por exemplo, a quantidade de textos inspirados pela cantora italiana Anna Zamperini, que esteve em Portugal entre 1770 e 1774¹, ou a autêntica “avalanche” provocada pela inauguração, em 1775, da estátua equestre de D. José colocada no Terreiro do Paço.

Tanto pelo *caso* quanto pelas composições que nele se inspiraram, pareceu-nos interessante editar o acervo que nos últimos anos temos vindo a recolher nos cancioneiros manuscritos da época. Ao fazê-lo, estamos convictos de que estamos a recuperar mais uma pequena parcela do desprezado património literário português setecentista.

Uma palavra final sobre a estrutura deste trabalho. Depois da apresentação das siglas e abreviaturas que utilizámos, o livro abre com uma breve introdução em que explicamos de forma mais detalhada os contornos do caso e caracterizamos as composições que recolhemos, em número de 32. No capítulo seguinte, damos conta, de forma esquemática, das normas que seguimos na transcrição dos textos e expomos o modelo e os critérios da nossa proposta de edição crítica, que ocupará o capítulo IV. No capítulo V, fornecemos uma breve informação biobibliográfica sobre os seis autores de textos que foi possível identificar. O volume encerra com uma bibliografia.

¹ Recolhidos por Alberto Pimentel em *Zamperineida – Segundo um manuscrito da Bibliotheca Nacional de Lisboa*, Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 1917.

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

ACL – Academia das Ciências de Lisboa

an. – anónimo

BA – Biblioteca da Ajuda

BADE – Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora

BM – Biblioteca Mindlin (biblioteca particular de São Paulo)

BNL – Biblioteca Nacional de Lisboa

Cod. – Códice (Série de manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa)

f. – fólio

FM – Fundo Manizola (Série de manuscritos da Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora)

LC – Library of Congress

Maffre, L'Oeuvre Satirique – Claude Maffre, *L'Oeuvre Satirique de Nicolau Tolentino*, 1994

Ms. – Manuscrito

P – Portuguese Manuscripts (Série de manuscritos da Library of Congress)

p. – página

V – Vermelha (Série de manuscritos da Academia das Ciências de Lisboa)

I. ISABEL XAVIER CLESSE:

O CASO E O SEU TRATAMENTO LITERÁRIO

1. O pouco que se sabe de Isabel Xavier Clesse é aquilo que consta da sentença que, em 1772, a condenou à pena capital. De acordo com a transcrição parcial que dela faz Fr. Cláudio da Conceição (1894²: XVII, 28-30), era casada com Tomás Luís Goilão, piloto da carreira das Índias e mantinha uma relação extraconjugal com Januário Rebelo, porta-bandeira de um regimento do exército. Essa ligação, iniciada durante a ausência do marido, ter-se-ia prolongado depois do seu regresso. É pelo menos esse o teor da sentença, que afirma que Isabel vivia «publica e escandalosamente amancebada».

Aquilo que poderia ser um simples caso de adultério complica-se todavia quando a protagonista – visando certamente prolongar a relação extraconjugal – tenta assassinar o marido, usando de uma estratégia particularmente engenhosa. Vejamos a narração constante da sentença:

«na noite de 3 de maio do anno anterior, em que elle, deitando-se na cama com toda a paz e socego, sem se queixar ou conhecer molestia alguma em seu corpo, a sentiu ao pé de si, chamando por elle com desaccordo, para que visse o seu estado e o que lançava da sua mesma bôca, mostrandolh'a untada de excremento, e parte do mesmo em um lenço e travesseiro da mesma cama, persuadindo-o que tinha sido um volvo, e que logo mandasse chamar o cirurgião para o curar, o qual com effeito chegando, ouvindo todo o successo e duvidando applicar-lhe remedio, ás instancias da mesma ré, lhe receitára uma innocente mézinha de agua de malvas, assucar branco e oleo de amendoas doces sem fogo, que sendo feita e preparada por ella, e lançando-lhe uma pequena porção, repentinamente lhe causara um tal estrago com a venenosa qualidade que lhe tinha misturado, que che-

gou aos ultimos instantes da vida, e que preparando-lhe outrosim umas unturas, ainda antes de se conhecer o expellido intento, o fizera com tal arte, que das mesmas lhe resultaram varias nodoas e chagas, como tambem que, sendo-lhes applicados uns leites, n'elles lhes lançára veneno, de que lhe foram achados dois papeis, e que, finalmente, lhe fugíra de sua casa e levára comsigo varias peças de oiro e prata, do seu uso, varios trastes e roupas, retirando-se para um recolhimento».

A fuga de Isabel acabaria por ser a prova decisiva da sua culpabilidade. Uma vez presa, as autoridades chegariam à conclusão de que o clister continha água forte, isto é, ácido nitroso, e que a ré a mandara buscar a uma botica pelo seu criado João, «dizendo que era para curar uns callos». A sentença, de 28 de Março de 1772, condená-la-ia à morte por enforcamento, vindo a ser cumprida três dias depois.

2. Como se vê, trata-se de um caso bastante insólito, não tanto pelo tema do adultério feminino, mas sobretudo pela decisão da ré de assassinar o marido, recorrendo a um tão ardiloso expediente. A severidade da sentença e o carácter espectacular de que se revestia na época o exercício da justiça ajudarão também a compreender a passagem do caso a tema poético.

Tratou-se contudo de um interesse momentâneo, não tendo sido suficiente para que tais composições viessem a lume. Muitas terão desaparecido para sempre, enquanto que outras ficaram sepultadas nas miscelâneas manuscritas da época a que fomos agora resgatá-las. A excepção foi o soneto «Que novo invento é este de impiedade», de Nicolau Tolentino de Almeida. Mesmo assim trata-se de uma excepção relativamente recente, dado que só em 1861 foi incluído no acervo do autor.

Mas nem tudo foi silêncio neste intervalo de 128 anos. Em 1904, Alberto Pimentel, aproveitando elementos da sua investigação sobre o setecentismo literá-

rio, usou o tema para construir uma das cenas do romance que dedicou ao poeta António Lobo Xavier, *O Lobo da Madragoa*. A parte factual do caso é transmitida através de um diálogo entre vizinhas, cabendo ao narrador a abordagem da sua repercussão literária. Um dado importante fornecido desse modo tem a ver com um domínio que ficou de fora do nosso trabalho: a literatura de cordel. Segundo o narrador do romance de Pimentel, terão sido muitos os folhetos que exploraram o tema. Na p. 253, são transcritos dois excertos desses folhetos – de que infelizmente se não indica o título –, um dos quais vale a pena retomar, dada a forma original da sua orientação satírica:

Se buscavas a terra desejada,
Para que com fatal temeridade
Desprezas do «Piloto» a sociedade,
Para dares à costa destroçada?
Arvoraste «Bandeira» sem cautela,
Socorros esperando: mas foi erro
Pois sem leme te vês, desfeita a vela.

Alberto Pimentel transcreve também fragmentos de três dos sonetos que fazem parte do nosso acervo: a primeira quadra de «Adeus, querido Esposo, adeus, Consorte» (peça n.º 16 da nossa edição), os tercetos de «Do delito que fez já penitente» (peça n.º 23) e a segunda quadra do soneto de Nicolau Tolentino «Que novo invento é este de impiedade» (peça n.º 27).

O interesse do autor de *O Lobo da Madragoa* pelo caso de Isabel Xavier Clesse ficar-se-ia por aqui, não tendo justificado a preparação de um volume semelhante ao que dedicou à *Zamperineida*. Foi isso que de alguma forma tentámos fazer, aproveitando os elementos que temos recolhido nos últimos anos, no decurso das nossas pesquisas sobre a literatura portuguesa de final de setecentos.

Considerando-os, para já, de um ponto de vista meramente quantitativo, cremos que os resultados são expressivos: identificámos um total de 7 testemunhos manuscritos, pertencentes a 6 bibliotecas, 2 delas estrangeiras, e um conjunto de 32 textos (31 poemas e 1 carta em prosa). Todas estas composições são inéditas, à excepção do soneto de Nicolau Tolentino (de que apresentamos contudo um testemunho manuscrito até agora desconhecido).

O acervo que reunimos distribui-se do seguinte modo: 23 sonetos, 2 elegias, 2 glosas em décimas heptassilábicas, 1 carta, 1 ode, 1 poema em décimas heptassilábicas, 1 romance heróico e 1 silva. A generalidade dos textos é anónima. A par do soneto de Nicolau Tolentino, terão autoria determinada: a elegia «Agora que da dor menos cansado» (peça n.º 1), de António Ribeiro dos Santos; a elegia «O acto da Tragédia lastimosa» (peça n.º 2), de José Inácio Barbosa; e a silva «Enfim, chegou aquele infausto dia» (peça n.º 4), o soneto «Poetas infernais, quem vos não corta» (peça 28) e a carta «Meu amigo, se é que os és» (peça 32), todos de Francisco Xavier Lobo. Quanto ao soneto «Morro, Esposo cruel, morro culpada» (peça n.º 14), os três testemunhos manuscritos que o transmitem apresentam indicações de autoria divergentes, pelo que o seu autor tanto poderá ser Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral como Manuel de Macedo Pereira de Vasconcelos, ou ainda um terceiro autor não identificado.

3. Passando agora a uma tentativa de caracterização mínima do espólio que editaremos, a primeira observação que se impõe tem a ver com a diversidade de formas. Apesar do predomínio do soneto, há poemas que adoptam a modalidade da elegia, da ode, da silva, do romance heróico, ou que recorrem a formas mais “populares”, como a décima heptassilábica. Há ainda um texto em prosa, uma carta.

Na abordagem do caso, e ao contrário do que talvez fosse de esperar, domina a visão “piedosa” da ré, que assume cambiantes muito diversos. Isabel é com fre-

quência apresentada como pecadora arrependida e contrita, como nesta passagem da elegia «Agora que da dor menos cansado» (peça n.º 1):

Cheia de um santo ardor, mais puro e vivo,
Em cândidos desejos inflamada,
Sente menos a infâmia que o motivo. (vv. 40-42)

Muitas vezes os autores optam pela representação, cedendo a palavra à ré, que se dirige, ora aos circunstantes, aconselhando-os a que vejam em si o exemplo do caminho que não deve ser seguido; ora ao carrasco, assumindo grande coragem e dignidade e incentivando-o a cumprir a sua missão; ora ao marido, pedindo-lhe perdão ou lamentado a sua impiedade; ora ainda à misericórdia divina, demonstrando uma confiança que lhe permite declarar (soneto «Adeus, povo, adeus, mundo, adeus, memória», peça n.º 12):

Contente a morrer vou, sem que turbada
Essa pena me deixe amarga e dura,
Pois é do Céu a mais segura escada. (vv. 9-11)

Nos casos em que o autor imprime ao texto uma orientação mais lírica, o sujeito poético comunga em geral dessa visão da morte como redenção do pecado. Veja-se, por exemplo, o final da elegia «Agora que da dor menos cansado»:

Implorando o perdão dos seus pecados,
Como tenro Cordeiro ao golpe chega;
E entre aflitos suspiros desmaiados,
Lá nas mãos do Senhor sua alma entrega.

Ou esta passagem do soneto «Sobe, Isabel, a escada e vai beijando» (peça n.º 9):

Ao Santo Deus tua alma encomendando,
Brevemente do Mundo ao Céu te passas,
E se com ele aí firme te abraças,
Parabéns é razão que te vão dando. (vv. 5-8)

Outras vezes, seduzido pela beleza de Isabel, o enunciador deixa transparecer uma adesão de outro tipo, como se pode ver nesta passagem da silva «Enfim, chegou aquele infausto dia» (peça n.º 4):

Mas eu deliro, enfim, que transportado
Estou do teu aspeito namorado!
A beleza me arrasta poderosa,
Que atropela a razão quem é formosa. (vv. 43-46)

Mas o tópico da beleza da ré é quase sempre aproveitado numa perspectiva moralizante, que pode traduzir-se na apresentação de Isabel como exemplo a ser evitado, como neste soneto (peça n.º 26):

Vós, formosas mulheres, que hoje viste
De Isabel o destino desgraçado,
Se o rosto não trazeis mais recatado,
A vossa perdição nisso consiste. (vv. 1-4)

Ou, de forma mais piedosa, na transformação da beleza física numa beleza espiritualizada a que se chega pelo arrependimento, como se vê neste fragmento da ode «Saiu o Sol no carro refulgente» (peça n.º 3):

Das perfeições nativas os primores

Atraíam da gente os corações;
 Não como antes, a amores,
Mas para pasmo só e compaixões.
Não tinha semelhança ao que antes era
Revestida de adornos e quimera;
 Mas por caminho Santo,
Caminhava com puro e casto manto. (vv. 25-32)

Perante esta forma de ver a ré, não deve surpreender que o retrato do marido assumia quase sempre contornos negativos. Na verdade, em vez de ser apresentado como vítima, ele é frequentemente acusado de ser um tirano impiedoso. A crítica pode ser feita por Isabel, como neste extracto do romance heróico «Não temer que me aperte o laço forte» (peça n.º 5):

A lembrança cruel que me atromenta,
Entre tanta aflição, tão triste angústia,
É saber que o Consorte é tão tirano
Que da morte os estragos me prepara. (vv. 13-16)

Ou ainda na passagem seguinte do soneto «Adeus, querido Esposo, adeus, Consorte» (peça n.º 16), em que a acusação é de tipo diferente:

Perdoa minhas iras indecentes,
Que eu te perdoo os dias depravados,
Sem nos mostrarmos nisto diferentes. (vv. 9-11)

Mas pode ser assumida também pelo próprio sujeito poético, como se vê neste momento da ode «Saiu o Sol no carro refulgente»:

Traze agora essa natural dureza,
Que o ser que tens te cobre de vileza;
E verás, Alma fera,
Teu coração de ferro feito em cera. (vv. 37-40)

Ou ainda nestrouto, do soneto «Vós, formosas mulheres, que hoje viste», em que se censura a sua liberalidade:

E tu, marido vil, que consentiste
A tua Esposa o luxo duplicado,
Devias ter-lhe logo perdoado,
Já que seus maus princípios permitiste. (vv. 5-8)

São por isso raros os momentos em que o marido dispõe da palavra para se defender. Sirva de exemplo este extracto do romance «Não temer que me aperte o laço forte»:

«Não, Consorte infiel, não me acompanha
O prazer ou rancor que tu me julgas;
Mais nobre coração em mim pondera.
Não te queixes de mim; a ti te culpa.» (vv. 49-52)

Nos textos de orientação satírica, esta visão piedosa é substituída por um tratamento mais realista e “cru” do caso. Como seria de esperar, agora o motivo principal é o estratagema a que Isabel recorreu para tentar assassinar o marido. É o que se vê no soneto de Nicolau Tolentino, em que a *persona* satírica se apresenta sob o signo do espanto indignado:

Que novo invento é este de impiedade,

Que extirpar gente vem pela traseira,
E para aproveitar-se da cegueira,
Fez pelo olho do cu a atrocidade! (vv. 1-4)

O mesmo se nota no poema em décimas «Tendo seu marido doente» (peça n.º 31), em que o diálogo amplia o efeito humorístico:

«Esta mezinha lhe encaixo»,
Diz ao marido a mulher,
«Sofra-se quanto puder,
Que a saúde vai por baixo.
Hei-de ser ditosa, eu acho,
Pois nisto nada sou ruda;
Para fora a não sacuda,
Pois sei que há-de aproveitar;
Não se me ponha a rosnar,
Cale o bico e leve a ajuda». (vv. 21-30)

Algo de semelhante acontece na carta de Francisco Xavier Lobo (peça n.º 32), marcada por um humor requintado, que não incide apenas sobre a matéria narrativa, mas adquire também contornos metaliterários, atingindo as próprias convenções do género epistolar:

Meu amigo, de quem eu sou bastante, e não digo *muito*, que neste lugar basta o *bastante*, saúde e mais saúde; quer isto dizer que tenhas saúde de sobejo para quando houveres de ter alguma enfermidade, que nessas ocasiões sempre faz muita falta, em companhia da Senhora tua Mãe, D. Luísa Liberata Xavier da Silva e Vasconcelos, que por sobrenome não perca.

Mas é sobre os contornos do caso que o humor satírico se projecta com maior nitidez, atingindo sobretudo o marido, apesar de este ser apresentado como vítima. Depois de, logo no momento inicial, lhe ser lançada a insinuação da infidelidade:

Chegou de fora da Cidade a esta um homem que tinha por cá deixado sua mulher, não sei se a este tempo era só uma (...),

passa-se rapidamente ao tópico do marido traído:

Ora ele, que não sabia conservar o toucado, vendo-se em alguns espelhos, não gostava do enfeite que lhe tinha metido na cabeça, andava carregado bastante-mente e, não sei se com o peso se com o quê, adoeceu.

A parte mais corrosiva é a que respeita à narração da estratégia usada pela ré. Uma das técnicas de que se vale o autor é a da suspensão:

Para confundir o marido, uma madrugada, antes que ele acordasse, lhe pôs na boca... Que cuidas tu que seria? Estarás discorrendo: seria isto?, seria aquilo?; pois não foi senão aquilo, a qual cousa conhecendo-se pelas partículas odoríferas, espantado por ver que tal porquidade lhe viera nunca à boca, ficou com ela tapada.

Outra é o recurso a imagens, só em aparência eufemísticas:

(...) mandou ela pôr o marido de modo de receber a ajuda, abriu-lhe o olho, tirou-lhe as cataratas e nem assim o pobre homem ver pôde o que recebia.

Pegou na seringa, como quem pega em uma escopeta para empregar o tiro, e não pôs o olho à mira, pôs a mira no olho e, desfechando a arma, saiu a carga,

entrando pelo intestino recto, por ser caminho mais breve de um ponto a outro, segundo os princípios Matemáticos.

O jogo de palavras também é usado com eficácia:

Acudiram mais alguns práticos, observaram seus sintomas e os que entendiam a física conheceram da mulher a metafísica e a delinquente.

São estes, em suma, alguns dos principais motivos evidenciados pelos textos que reunimos. Resta-nos agora esperar que o leitor possa concordar connosco, reconhecendo utilidade ao esforço de recuperação desta pequena parcela do nosso desprezado património literário setecentista.

II. INVENTÁRIO TESTEMUNHAL DOS TEXTOS

SOBRE O TEMA

Fazemos notar que a indicação dos testemunhos será feita através das siglas arroladas no início do volume. No caso dos manuscritos, será apontada em primeiro lugar a biblioteca a que o testemunho pertence e, se for caso disso, a respectiva colecção; em seguida virá indicado o número do manuscrito ou códice e depois as páginas ou fólhos em que o texto ocorre. No final, virá entre parênteses a indicação de autoria.

1. Textos já publicados

1. Soneto *Que novo invento é este de impiedade*

Testemunho impresso

Claude Maffre – *L'Oeuvre Satirique de Nicolau Tolentino*, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1994, pp. 295-298 (Nicolau Tolentino)

Testemunho manuscrito

BNL, Cod. 10570¹, p. 174 (an.)

¹ Trata-se de uma miscelânea que inclui textos da segunda metade do século XVIII.

2. Textos inéditos

2. Elegia *Agora que da dor menos cansado*

Testemunho manuscrito

BA, Ms. 49-III-66², f. 63r-68v (António dos Santos Ribeiro)

Supomos que há gralha na indicação do autor deste texto, estando trocados os apelidos: será certamente *António Ribeiro dos Santos*, conhecido também pelo pseudónimo de Elpino Duriense.

3. Elegia *O acto da Tragédia lastimosa*

Testemunhos manuscritos

ACL, V, Ms. 828³, f. 35r-38r (José Inácio Barbosa)

BA, Ms. 49-III-66, f. 69r-73r (José Inácio Barbosa)

4. Ode *Saiu o Sol no carro refulgente*

Testemunho manuscrito

BA, Ms. 49-III-66, f. 73v-78v (an.)

² O códice apresenta o seguinte título: «Miscelanea/ Poetica/ de Obras de diversos Authores:/ Humas, que vão com o nome delles, con=/ forme foram achadas: Outras, q. indo/ sem elles; a todo o tempo, q. se descubirão./ se lhes pôde pôr/ Juntas, destribuhidas, e escritas neste volume/ por/ Antonio Correya Vianna./ Lisboa = 1784 =».

³ Trata-se de uma miscelânea poética que recolhe poemas da segunda metade do século XVIII.

5. Silva *Enfim, chegou aquele infausto dia*

Testemunho manuscrito

BA, Ms. 49-III-66, f. 79r-81v (Francisco Xavier Lobo)

6. Romance heróico *Não temer que me aperte o laço forte*

Testemunho manuscrito

LC, P, Ms. 240⁴, [f. 1r-2r] (an.)

7. Soneto *Caminhava Isabel, que infausto dia!*

Testemunho manuscrito

BM, Ms. intitulado «Poesias»⁵, p. 47 (an.)

8. Soneto *Vai à força Isabel, que desventura!*

Testemunho manuscrito

BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 48 (an.)

⁴ Cancioneiro que inclui composições do final do século XVIII.

⁵ Miscelânea que abarca poesias do final do século XVIII. A sua cota é RBM/5/b.

9. Soneto *Não te envergonhe veres tanta gente*

Testemunho manuscrito

BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 49 (an.)

10. Soneto *Sobe, Isabel, a escada e vai beijando*

Testemunho manuscrito

BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 50 (an.)

11. Soneto *Se até agora, Isabel, na infame vida*

Testemunho manuscrito

BM, Ms. «Poesias», p. 51 (an.)

12. Soneto *Não temas suportar, Bela Heroína*

Testemunho manuscrito

BM, Ms. intitulado «Flores do Parnaso»⁶, III, [f. 12v] (an.)

⁶ O manuscrito apresenta na lombada a seguinte inscrição: «FLORES/ DO/ PARNASO/ Manuscrito/ 3/ Seculo XVIII». A sua cota é RBM/5/b.

13. Soneto *Adeus, povo, adeus, Mundo, adeus, memória*

Testemunho manuscrito

LC, P, Ms. 240, [f. 2v] (an.)

14. Soneto *Vinde, vinde, meu Deus; vinde, adorado*

Testemunho manuscrito

LC, P, Ms. 240, [f. 2v] (an.)

15. Soneto *Morro, Esposo cruel, morro culpada*

Testemunhos manuscritos

BADE, FM, Ms. 424⁷, f. 122r (P.º Macedo)

BM, Ms. intitulado «Flores do Parnaso», III, [f. 12r] (Monteiro)

LC, P, Ms. 240, [f. 3r] (an.)

Como se vê, as indicações de autoria são discordantes, situação que de momento não nos parece resolúvel. Supomos que «P.º Macedo» se refere a Manuel de Macedo (Pereira de Vasconcelos) e «Monteiro» a Domingos Monteiro (de Albuquerque e Amaral).

16. Soneto *Caminhas ao patíbulo culpada*

Testemunhos manuscritos

BADE, FM, Ms. 424, f. 122v (an.)

LC, P, Ms. 240, f. [3r] (an.)

17. Soneto *Adeus, querido Esposo, adeus, Consorte*

Testemunho manuscrito

LC, P, Ms. 240, [f. 3v] (an.)

18. Soneto *Como em teu brando peito, minha Esposa*

Testemunho manuscrito

LC, P, Ms. 240, [f. 3v] (an.)

19. Soneto *Sobe a escada, Isabel, pois chega a hora*

Testemunho manuscrito

LC, P, Ms. 240, [f. 4r] (an.)

20. Soneto *Aquela que tu vês tão descorada*

Testemunhos manuscritos

BADE, FM, Ms. 424, f. 123r (an.)

LC, P, Ms. 240, [f. 4r] (an.)

⁷ Cancioneiro poético que abarca textos da segunda metade do século XVIII.

21. Soneto *Homem, não tenhas dó, cumpra-se a Sorte*

Testemunho manuscrito

LC, P, Ms. 240, [f. 4v] (an.)

22. Soneto *Beleza mais que todas desgraçada*

Testemunho manuscrito

LC, P, Ms. 240, [f. 4v] (an.)

23. Soneto *De Estrelas Isabel foi coroada*

Testemunho manuscrito

LC, P, Ms. 240, [f. 5r] (an.)

24. Soneto *Do delito que fez já penitente*

Testemunho manuscrito

BADE, FM, Ms. 424, f. 123v (an.)

25. Soneto *Correi, vizinhos meus, estai-me atentos*

Testemunho manuscrito

BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 8 (an.)

26. Soneto *Caminhante que paras assustado*

Testemunho manuscrito

LC, P, Ms. 240, [f. 5r] (an.)

27. Soneto *Vós, formosas mulheres, que hoje viste*

Testemunho manuscrito

BM, Ms. intitulado «Poesias», p. 52 (an.)

28. Soneto *Poetas infernais, quem vos não corta*

Testemunho manuscrito

LC, P, Ms. 240, [f. 6v] (Francisco Xavier Lobo)

29. Glosa em décimas heptassilábicas *Com o rosto macilento*

Testemunho manuscrito

LC, P, Ms. 240, [f. 5v] (an.)

30. Glosa em décimas heptassilábicas *Já na terra está posto*

Testemunho manuscrito

LC, P, Ms. 240, [f. 6r] (an.)

31. Poemas em décimas heptassilábicas *Tendo seu marido doente*

Testemunho manuscrito

BM, Ms. intitulado «Poesias», pp. 40-46 (an.)

32. Carta *Meu amigo, se é que os és*

Testemunho manuscrito

BNL, Cod. 10570, pp. 167-173 (Francisco Xavier Lobo)

Para terminar este inventário testemunhal, resta fazer um balanço. Arrolámos um total de 32 textos (31 poemas e 1 carta em prosa), todos inéditos à excepção do soneto de Nicolau Tolentino, distribuídos do seguinte modo:

- sonetos – 23;
- elegias – 2;
- glosas em décimas heptassilábicas – 2;
- cartas – 1;
- odes – 1;
- poemas em décimas heptassilábicas – 1;
- romances heróicos – 1;
- silvas – 1.

III. NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DOS TEXTOS

E CRITÉRIOS DA EDIÇÃO

1. Opções de base

Conforme se pode ver pelo capítulo anterior, a tradição dos poemas sobre Isabel Xavier Clesse, sendo pouco complexa, não é uniforme. Cada texto apresenta um leque testemunhal diferente, havendo alguns que são transmitidos por um único testemunho e outros que são veiculados por vários (num máximo de três).

Estas circunstâncias levam a que cada poema tenha de ser encarado como um caso individualizado. Relativamente àqueles que são transmitidos por vários testemunhos divergentes, resolvemos seguir a versão que, em confronto com as restantes, nos pareceu a melhor pelo facto de oferecer uma lição idónea e coerente para o texto em causa. Nesse processo, optámos por editar da forma mais próxima possível o testemunho escolhido como versão base, evitando a introdução de emendas, para que o produto final não fosse uma construção híbrida, resultante do contributo de testemunhos diversos. Apesar disso, não nos furtámos à responsabilidade de, em casos muito pontuais – todos devidamente assinalados e justificados – efectuar algumas correcções, quase sempre relacionadas com lapsos gramaticais ou com questões de pontuação.

O desejo de nos mantermos fiéis ao testemunho que em cada caso elegemos como versão base levou-nos também a evitar a normalização dos traços susceptíveis de terem repercussões fonéticas ou sobre outros aspectos da arte poética das composições.

2. Normas de transcrição dos textos

Como é sabido, a ortografia desta época – sensivelmente 1772 – ainda não é uniforme. As oscilações são numerosas, sobretudo ao nível do vocalismo, pelo que nem sempre é fácil perceber se se trata de meras variantes gráficas. Assim, e de acordo com as opções de base expostas no ponto anterior, actualizámos apenas os traços gráficos que não colocam dúvidas, procurando oferecer um texto crítico uno e fidedigno também do ponto de vista linguístico.

Vejamos então as normas de transcrição que adoptámos:

I. Vogais

1. Normalizámos de acordo com o uso moderno a representação da vogal oral fechada posterior em posição átona, grafando *tumulto* e *subir* em vez de *tomulto* e *sobir*, e *cobrir* e *oportuno*, em lugar de *cuibir* e *opurtuno*;
2. Normalizámos as grafias alternantes das vogais nasais: seguidas de *m* ou *n* antes de consoante, de *m* em final de palavra, com til antes de vogal *e*, em palavras como *manhã*, em final de vocábulo;
3. Relativamente às formas femininas do artigo e do pronome indefinido, os testemunhos manuscritos oscilam entre a sua representação em hiato – *(h)ũa*, *algũa* – e a grafia com a consoante nasal bilabial. É sabido contudo que o desenvolvimento da consoante em causa terá ocorrido nos finais do século XVI, ainda que a grafia moderna tenha tardado a generalizar-se. Optámos assim pela grafia moderna dessas formas;
4. Substituímos o *y* por *i*, em palavras como *Babylónia*, e por *e* em formas com ditongo nasal, como *mãy*;
5. Normalizámos a representação dos ditongos nasais, de acordo com a norma actual: vogal seguida de *e* (*e*, mais raramente, de *i*) ou de *o*, com til sobre a primei-

ra, ou vogal seguida de *m* ou *n*. Assim, *nam*, *escutavão* ou *ocasioens* passaram a *não*, *escutavam* e *ocasiões*;

6. Modernizámos a grafia dos ditongos orais, representando com *i* e *u* as semivogais. São frequentes nos testemunhos as grafias que acusam vestígios do hiato, mas, de acordo com os dados da história da língua, ele já estaria resolvido desde, pelo menos, o início do século XVI. Assim: *fataes* › *fatais*; as formas de 2.^a pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos da 1.^a conjugação (como *gozaes*) › *gozais*; *degrao* › *degrau*; *fea* › *feia*; *cheo* › *cheio*; *véo* › *véu*; as formas de 3.^a pessoa do singular do perfeito do indicativo dos verbos da 2.^a conjugação (como *pareceo*) › *pareceu*; *depoes* › *depois*; as formas de 3.^a pessoa do singular do perfeito do indicativo dos verbos da 3.^a conjugação (como *subio*) › *subiu*;

7. Relativamente aos ditongos orais crescentes, em regra pouco estáveis, optámos também por representar a semivogal através de *u*, à excepção dos casos em que a grafia actual conservou o *o*, como acontece em *mágoa*;

8. Conservámos certas formas arcaicas de grafia dupla, na medida em que correspondem a realizações alternantes, algumas das quais se mantiveram: a oscilação entre *e* e *a*, como em *embaraço* / *ambaraço*; entre *e* e *i*, como em *desgraça* / *disgraça*; entre *e* e *o*, como em *fermoso* / *formoso*; entre *ou* e *oi*, como em *noute* / *noite*;

II. Consoantes

9. Dado tratar-se de um mero diacrítico sem valor fonético, regularizámos o emprego do *h* de acordo com a norma actual. Eliminámo-lo, designadamente em posição inicial (como nas formas do verso *ser*), em posição intervocálica (como em *sahir*), nos casos em que apresenta valor etimológico (como *inhumano*) e nos chamados dígrafos helenizantes, como *th* (*theatro*); introduzimo-lo em casos como *emisfério*;

10. Por não serem reflexo da pronúncia, simplificámos formas ortográficas latinizantes, como as consoantes dobradas, exceptuando *r* e *s* em posição intervocálica e com valor, respectivamente, de vibrante múltipla e sibilante surda. Assim, por exemplo, *peccado* › *pecado*; *effeito* › *efeito*; *collo* › *colo*; *immenso* › *imenso*; *innocente* › *inocente*; *opprimir* › *oprimir*; *attento* › *atento*;

11. Por se tratar também de um mero latinismo gráfico que nunca chegou a reflectir-se na pronúncia do português, eliminámos o *s* do grupo inicial *sc-*, passando *scena* a *cena*;

12. Pelos mesmos motivos, simplificámos de acordo com a norma moderna grupos em posição medial como *-ct-* (*sancto* › *santo*); *-gn-* (*asignalar* › *assinalar*); *-mn-* (*himno* › *hino*); *-pt-* (*prompto* › *pronto*). Mantivemo-los em todos os casos previstos no uso actual, respeitando contudo, em grupos como *-sc-*, oscilações do tipo *crecer* / *crescer*;

13. Representámos as oclusivas velares segundo o uso moderno: *qu* e *gu* antes de *e* e *i*; *c* e *g* antes de *a*, *o* e *u* (*charo* › *caro*);

14. Regularizámos também a representação das fricativas. Assim:

– a fricativa labiodental sonora virá transcrita como *f*, o que implica a substituição do dígrafo helenizante *ph* em palavras como *phantasia*;

– as fricativas alveolares virão grafadas segundo as normas actuais, pelo que *justisada* ou *criminoza* passarão a *justiçada* e *criminosa*;

– a fricativa palatal surda será representada como *ch*, *s*, *x* ou *z*, segundo o uso moderno, pelo que *xegar* e *algos* passarão a *chegar* e *algoz*;

– a fricativa palatal sonora virá transcrita como *g* ou *j*, de acordo com as regras de hoje, pelo que *geito* passará a *jeito*;

15. Conservámos certas formas arcaicas ou populares de grafia dupla, na medida em que parecem corresponder a realizações alternantes. É o caso das ocorrências metatáticas do grupo consoante + *r*, como em *protento* e *tromento*. É o caso ainda de formas como *arrastrar*;

16. Também aceitámos formas arcaicas ou populares como *aspeito*;

III. Aspectos morfológicos

17. Separámos e unimos as palavras de acordo com o uso moderno, escrevendo, por exemplo, *contigo* em lugar de *com tigo*;

18. Desenvolvemos as abreviaturas, aliás pouco frequentes e de fácil resolução;

19. Distinguimos, de acordo com a grafia actual, as interjeições *ó* e *oh*, reservando a primeira para uma função de invocação, e a segunda para enunciados que traduzem espanto, alegria ou desejo;

20. Conservámos arcaísmos morfológicos do tipo de *aceito* (particípio passado de *aceitar*) e *ruda* (feminino de *rude*);

21. Respeitámos todas as formas que evidenciam processos de redução ou ampliação silábica, frequentemente ao serviço do jogo sinalefa / dialefa, como *emprender* e as formas de 3.^a pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *ver* (*vêm*);

IV. Diacríticos

22. Regularizámos o uso dos acentos;

23. Recorremos ao trema para indicar determinados casos de diérese obrigatória, imposta pela métrica do verso em palavras em que habitualmente está um ditongo;

24. Eliminámos o apóstrofo em contracções do tipo de *n'aquelle*, mas usámo-lo para indicar certos casos de elisão vocálica;

25. Regularizámos a utilização do hífen, designadamente para separar os pronomes enclíticos e mesoclíticos e ainda em palavras compostas do tipo de *bem-aventurança*;

V. Maiúsculas e pontuação

26. Evitámos introduzir modificações no que respeita ao uso da maiúscula, pelo que – atendendo também ao seu provável valor expressivo – preferimos mantê-la

mesmo nos casos que se afastam do uso actual. Apesar disso, tentámos contrariar a diversidade de práticas nos testemunhos, generalizando o uso da maiúscula no início de cada verso, nas formas de tratamento e nos títulos;

27. Cientes de que a pontuação intervém na configuração rítmica e entonacional do verso e tem reflexos sobre a sintaxe e a semântica, procurámos intervir o mínimo possível neste aspecto. Apesar disso, não renunciámos à tentativa de estabelecer algum compromisso entre aquilo que os testemunhos revelam ser os hábitos da época e as normas actualmente em vigor. Assim, nos frequentes casos em que os dois pontos desempenham uma função hoje atribuída ao ponto e vírgula, substituímos aquele sinal por este. Por outro lado, suprimimos a vírgula antes das conjunções *e*, *ou*, *nem* e *que*, à excepção dos casos previstos na norma actual e ainda nos momentos em que um critério melódico parece impor esse sinal de pontuação. As outras poucas modificações que nos sentimos obrigados a fazer – tanto de supressão quanto de adição – virão devidamente anotadas nos casos em que têm reflexo sobre o sentido do texto. Refira-se ainda que, nas passagens em que o discurso directo não vinha assinalado nos testemunhos que tomámos por base, introduzimos as correspondentes aspas.

Situação diferente é aquela em que os textos foram editados a partir do Ms. 240 dos Portuguese Manuscripts da Library of Congress. Dado que os poemas se apresentam aí quase desprovidos de pontuação, a nossa interferência teve de ser mais acentuada. Apesar disso, só demos conta desse trabalho nos casos em que a pontuação não é evidente, o que geralmente se deve à existência de mais do que uma possibilidade de leitura.

3. Apresentação do texto crítico e do aparato

Os textos sobre Isabel Xavier Clesse surgirão repartidos em oito grupos, correspondentes às formas identificadas: A. Elegias; B. Odes; C. Silvas; D. Romances

heróicos; E. Sonetos; F. Glosas em décimas heptassilábicas; G. Poemas em décimas heptassilábicas; H. Cartas. Tanto na ordenação destas formas como na disposição dos textos no interior de cada uma, seguimos as indicações fornecidas pelos testemunhos manuscritos, articulando-as com um critério temático, em função do qual as composições mais “sérias” precedem as que revelam uma orientação mais jocosa ou satírica.

A edição de cada composição terá quatro partes:

1. Um número de ordem – contínuo –, que servirá para a identificação do texto.
2. A relação dos testemunhos que transmitem o poema, apresentada em corpo menor e dividida de acordo com os dois tipos que considerámos: impressos (situação que apenas se verifica com o soneto de Tolentino) e manuscritos. A sua citação é feita de acordo com o sistema de siglas e de abreviaturas já apresentado. Dado que há quase sempre divergências significativas entre os testemunhos, estes receberão como siglas identificativas letras maiúsculas impressas em itálico. Esta tarefa de atribuição de siglas será feita poema a poema. As versões muito próximas receberão como sigla a mesma letra, que contudo será seguida de um número individualizador, colocado abaixo da linha. Reservaremos sempre o *A* para designar o testemunho que escolhermos como base. A atribuição das restantes letras do alfabeto será feita em função do grau de proximidade dos outros testemunhos perante *A*.
3. Seguir-se-á, em corpo maior, o texto crítico, com os seus dois momentos: a legenda, caso exista, e o poema propriamente dito, com os versos numerados à esquerda de 5 em 5. As emendas que tivermos efectuado virão, sempre que possível, assinaladas já no próprio corpo do poema: para as supressões usaremos as chavetas e para as adições os colchetes.
4. Virá depois, ao fundo da página, separado por uma linha e em corpo menor, o aparato crítico. Tivemos duas preocupações centrais na sua organização: por um lado, fornecer ao leitor todos os elementos em que nos apoiámos, de forma a que

ele pudesse julgar o nosso trabalho e, eventualmente, fazer opções diferentes das nossas; por outro, evitar possíveis dificuldades de leitura e assegurar uma percepção literal do texto tão boa quanto possível. O nosso modelo de aparato comporta quatro partes, vindo cada uma delas separada da seguinte por uma linha de intervalo:

a) O aparato das variantes, que será do tipo negativo, isto é, só anotaremos as lições divergentes. Apresentaremos as variantes de acordo com as mesmas regras utilizadas para a transcrição do texto crítico e só daremos conta das que forem significativas. Este aparato das variantes tem, por assim dizer, dois momentos, correspondentes ao paratexto e ao texto propriamente dito. A chamada do primeiro desses elementos será feita por intermédio da palavra *Legenda*, impressa em itálico e seguida de um ponto final. A chamada do texto propriamente dito será feita pelo número do verso, também seguido de um ponto final. A identificação do lema far-se-á de forma a não suscitar nenhuma dúvida. O lema será seguido de um meio colchete, vindo imediatamente depois a variante e a sigla que a identifica. Se um lema tiver duas ou mais variantes, estas serão consecutivamente apresentadas, sem que entre elas exista qualquer sinal de pontuação. Entre o lema, a(s) variante(s) e a(s) sigla(s) também não haverá nenhum sinal de pontuação, a menos que a(s) variante(s) em causa diga(m) respeito a um sinal desse tipo. O lema e a(s) variante(s) serão impressos em redondo, ao passo que as siglas identificativas das variantes virão em itálico. Havendo necessidade de anotar variantes para mais do que um lema do mesmo verso, a passagem de um ao outro será assinalada por intermédio de uma vírgula, colocada depois da última sigla da variante do lema anterior. Nos casos em que um testemunho tenha uma versão de um verso ou da legenda muito diferente da apurada, dispensaremos o recurso ao lema e apresentaremos, na linha inferior àquela em que vierem outras versões confrontadas com lemas, todo o verso ou toda a legenda da versão divergente. Eventuais observações da nossa responsabilidade virão em itálico.

- b) A justificação das emendas que tivermos efectuado.
- c) O glossário e as notas que entendemos necessárias para o esclarecimento de qualquer aspecto do texto. Poderemos também incluir neste espaço alguma observação sobre irregularidades – gramaticais, métricas, acentuais – dos versos.
- d) Um breve apontamento sobre a poética do texto.

IV. EDIÇÃO CRÍTICA

A. ELEGIAS

1.

Testemunho manuscrito: BA, 49-III-66, f. 63r-68v (António dos Santos Ribeiro)

À morte de Isabel Xavier Clesse, mulher do Piloto Tomás Luís Goilão, justificada que foi na Forca da cidade de Lisboa, que nesse tempo estava à Cotovia de baixo, e o foi em 30 de Março de 1772; cuja sentença se imprimiu na oficina de Miguel Rodrigues, na mesma Corte de Lisboa; e isto por causa de uma ajuda que com água forte misturada, deu ao seu marido.

Elegia dirigida a um Amigo

Pelo Doutor António dos Santos Ribeiro

Agora que da dor menos cansado,
Por ver da criminosa o vil castigo,
Que entre todos ficou eternizado;

Agora que em ternura (doce Amigo),
5 Suspirando minha alma, envolta em pranto,
A mágoa desafoga só contigo;

Se inda a triste lembrança puder tanto

Legenda. ajuda – Clister.

água forte – Ácido nítrico.

Que possa debuxar a desventura
Da Beleza que a tudo encheu de espanto;

10 Aquela de que a graça e a formosura
Empenho pareceu da Natureza,
Para pena maior, mais forte e dura;

Em duros ferros largo tempo presa,
Por manchar do Consorte a fé jurada
15 E das Leis sacrossantas a inteireza;

Saiu para o suplício condenada,
Pois não permite o horror daquela ofensa
Que ficasse da morte libertada.

Ouve, cheia de susto, ouve a sentença;
20 E já, da angústia quasi amortecida,
Chora do horrível crime a recompensa.

Os tristes pensamentos em que lida,
O final desacordo, a feia morte,
Prendem-lhe a voz e fica emudecida.

25 Mas logo em si tornando, então mais forte,
Na Presença de Deus omnipotente
Se prepara a sofrer o mortal corte.

Da dor atribulada, dor veemente,

Que a alma lhe fere[,] cheia de desgosto
30 Do crime cometido iniquamente;

Ao sagrado Ministro o branco rosto
Voltando, em contrição sincera e pura
O delito confessa ao Mundo exposto.

Ah, que fera lembra[n]ça! Ah, que amargura
35 Lhe cobre o coração! Mas de contrita
Um novo desengano me assegura.

Sagrados Hinos e Orações recita,
Enquanto o Sacerdote compassivo
Em actos de piedade se exercita.

40 Cheia de um santo ardor, mais puro e vivo,
Em cândidos desejos inflamada,
Sente menos a infâmia que o motivo.

Não se assusta, não teme, ao ver chegada
A hora em que o Algoz se lhe apresenta
45 Com a corda na mão dependurada.

Então se esforça, então já mais se alenta;
E ali junto do Altar recebe o laço
Que o seu trágico fim lhe representa.

O pejo lhe não serve de ambaraço;

50 Sossegando o semblante inalterável,
Assim fala ao verdugo em breve espaço:

«Não te horrorize a morte lamentável,
Justo castigo por haver manchado
Do Consórcio o preceito irrefragável.

55 «Seja embora o meu crime publicado,
De funestas imagens precedido
Pelo infausto caminho desgraçado.

«O teu braço não fique enfraquecido;
Respeite-se a Justiça, que o meu dano
60 Corresponde ao delito cometido.

«E se cega abracei aquele engano
Que as almas prende, os corações domina,
A todos servirei de desengano.

«Ao feio cadafalso me destina
65 A horrível culpa; queira o Céu piedoso
Que de ver ao Senhor me faça digna.

«E em coro Sacrossanto e Majestoso,
Elevada a minha alma entre esplendores,
A vida rogarei ao caro Esposo.

70 «O vivo sentimento, as mortais dores

De que cercada estou (e não te admires)
São só do Grande Deus altos favores.

«Antes de dar-me à morte e de partires
Ao pavoroso sítio, atento deixa
75 Que as mãos te beije, bem que em vão suspires.»

E não dizendo mais, pois se não vexa,
Entre a triste aparência da agonia,
Contra a própria desgraça se não queixa.

Já para o cadafalso, enfim, partia
80 Com pranto universal. (Ah, que tormento!
Ah, míseras lembranças de algum dia!)

Se a visses caminhar a passo lento,
De pios Sacerdotes rodeada,
Turbado o gesto, o rosto macilento,

85 Sendo de imenso Povo então chorada
Aquele que a memória do seu crime
Ficará para sempre horrorizada;

Pois bem que a Natureza quando estime
Castigado o delito pela ofensa,
90 Aos efeitos da mágoa não se exime;

Se a visses, pela dor no peito intensa,
A face descorada, os olhos fitos
De um Santo crucifixo na presença;

95 Insensíveis clamores mas contritos,
Desconcertado o passo, as mãos ligadas,
Para viva lembrança dos delitos;

Pelas ruas, se visses espalhadas
Em turbas multidão de várias gentes,
Que corriam a vê-la alvoroçadas;

100 As Damas nas janelas descontentes,
Em Beleza chorando, com piedade,
A horrível morte dada aos Delinquentes;

Da Justiça louvando a integridade
Aqueles que respeitam a Lei Santa,
105 Neste pronto castigo da maldade;

E se visses, enfim, que não se espanta
A mísera Infeliz, tendo chegado
Ao medonho lugar de mágoa tanta;

91. pela] pelo

91. Supomos que se trata de uma gralha do copista.

Mas que, sem da aflição se ver cansado
110 O natural valor, ao Povo exclama
Que lhe sirva este exemplo desgraçado.

E logo em seu socorro a Virgem clama
Que no transe em que está lhe incenda o peito
Com Santo Lume e mais ardente chama.

115 «Adeus, Mundo (dizendo); pouco aceito
Serias para todos, se em mim vissem
Que este laço mortal me tem sujeito.

«Daqueles que por ver-me me seguissem,
Quisera que nesta hora de agonia
120 Comigo Santos Hinos repetissem.

«Vós, que em prazer gastais tanta alegria
Quanto o fausto enganoso vos segura,
Vede a minha desgraça neste dia!

«Guiei-me do prazer; o passo errante;
125 Desprezado o auxílio da piedade
E ao preceito da Lei pouco observante.

«Profanando o decoro na impiedade

121. gastais] gostais

121. Parece tratar-se de uma gralha de cópia.

De tanta enorme culpa (ó Deus sagrado!),
Que horror me não desperta a iniquidade!

130 «Vós, Bendito Senhor; Vós, pelo estado
Em que pôde do crime o precipício
Fazer escandaloso o meu pecado;

«Permiti que a minha alma em sacrifício,
Diante os vossos olhos, lave em pranto
135 As manchas que me pôs o torpe vício.

«Sobre ela difundi poder tão Santo
Que não fique sem fruto o sangue vosso,
Pois por ele salvar-me podeis tanto.»

Assim Belisa diz; e a pesar nosso;
140 E apenas dos delitos desgraçados
Um tão trágico fim contar-te posso.

Implorando o perdão dos seus pecados,
Como tenro Cordeiro ao golpe chega;
E entre aflitos suspiros desmaiados,
145 Lá nas Mãos do Senhor sua alma entrega.

A elegia é formada por decassílabos, agrupados em tercetos e numa quadra final. Os tercetos obedecem ao esquema rimático ABA, sendo que B – com a exceção da estrofe 42.^a – é retomado como A da estrofe seguinte. A quadra apresenta como modelo rimático ABAB.

2.

Testemunhos manuscritos: ACL, V, 828, f. 35r-38r (José Inácio Barbosa) = *A* / BA, 49-III-66, f. 69r-73r (José Inácio Barbosa) = *B*

Versão de *A*

Elegia à morte de Isabel Clesse

O acto da Tragédia lastimosa
Que no Teatro foi representada
Da severa Justiça respeitosa;

5 Para que tal memória eternizada
Cause horror, esta fúnebre Elegia
Exprime com voz triste e magoada.

Como não matizou naquele dia
O roxo esmalte o lúcido Oriente,
Na sombra a Luz do Sol se confundia.

Legenda. Ao mesmo trágico Assunto. Elegia *B*

3. severa] tremenda *B*

5. Cause] Seja *B*

7. Como não matizou] Por não se matizar *B*

8. O roxo] Do vivo *B*

- 10 O qual já declinava ao Ocidente,
Quando junto do cárcere horroroso
De tropel concorria a vaga gente,

Donde com gesto grave e pesaroso
Saiu aquela triste caminhando
15 Para o fatal suplício temeroso.

Aquela que d'Aurora o riso brando
Não invejava, agora, com ternura,
Vai lágrimas ardentes derramando;

Aquela miserável sem ventura,
20 Em cujo rosto apenas se ocultava
Entre as sombras da morte a formosura.

Quando nas praças públicas entrava
Aquela, enfim, despojo da vaidade,
A todos grande mágoa consternava.

25 É própria a compaixão da Humanidade,
Posto que seja a culpa aborrecida,
Temendo a natural fragilidade.

Sendo à terrível cena conduzida,

20. ocultava] encontrava *B*

24. grande mágoa] geralmente *B*

Cheia d'horror, os olhos aplicava
30 Ora à Terra, ora ao Céu, espavorida.

O quanto o pensamento vacilava,
A fria mão da morte receando,
Pelo semblante pálido mostrava.

O gesto natural desconcertando,
35 Como quem já sentia o laço estreito,
Estava entre suspiros respirando.

Sereno em breve espaço o lindo aspeito,
Assim o canto infausto e lagrimoso
Exalava do íntimo do peito:

40 «Ó vós outros, concurso numeroso,
Que vedes nesses campos dilatados
Este Espectácu{lo} triste e lastimoso;

31. O quanto] Oh, quanto *B*, vacilava,] vacilava! *B*

32. receando] vacilando *B*

36. respirando] receando *B*

37. Sereno em breve espaço] Mas logo serenando *B*

38. lagrimoso] lastimoso *B*

39. Exalava] Arrancava *B*

41. Este Espectácu{lo} triste] O meu infausto objecto *B*

42. A métrica impõe esta síncope.

«Vós, que já nos semblantes magoados
Mostrais e no silêncio tão profundo
45 Que estais de sentimento penetrados;

«Ouvi a voz dum peito moribundo
Que chegou à desgraça mais temida
Que pode imaginar-se neste Mundo;

«Vós, gente lastimada e enternecida,
50 Escutai a voz frouxa e pesarosa
Que nunca mais será no Mundo ouvida.

«Se recear a morte pavorosa
É natural no peito mais robusto,
Que fará Mulher fraca e temerosa?

55 «Sobre este cadafalso duro e justo,
Quanto descobre a vista descontente
São tudo imagens hórridas do susto.

«Se olho para o Céu onnipotente,

44. e no silêncio] em meu mal triste e *B*

47. temida] crescida *B*

50. frouxa] triste *B*

52. Se recear] Se receais *B*

53. É] Que é *B*

54. Que fará] Que será *B*, temerosa?] temerosa; *A*

58. olho para] olho lá para *B*

Porque então nos delitos meus discorro,
60 Agonia mortal minha Alma sente.

«Se olho para a Terra, em vão recorro,
Porquanto só agora dela espero
Da compaixão o mísero socorro.

«Se tua ingratitude, destino fero,
65 Fosse por mim há tempo conhecida,
Evitara o castigo que tolero.

«Quem no confuso Mundo distraída
Humanas e Divinas Leis profana,
Acaba entre descréditos a vida.

70 «Arrastrada a razão que desengana,
Os passos ao perigo acelerando,
Vim parar na maior desgraça humana.

«Oh! Praza aos Céus que todos contemplando
Nos estragos da minha morte feia,

61. olho para a Terra] para a Terra olho *B*, recorro] discorro *B*

64. Se tua] Se a tua *B*

65. há tempo] a tempo *B*

71. Vim, de abismo em abismo despenhada, *B*

72. Vim parar] A parar *B*

73. que todos contemplando] que imploro consternada *B*

74. Nos estragos da] Que servir possa a *B*

- 75 Se vão do precipício desviando.
- «Falar convosco o ânimo receia,
 Ó sexo feminil, cuja ternura
 Lamenta como própria a culpa alheia.
- «Vós, a quem favorece a formosura,
80 Da lisonja teme o doce encanto;
 Assim tereis do que eu melhor ventura.
- «Em meus olhos não cesse o triste pranto;
 Ajudai meu espírito cansado,
 Vós, Ministros do Céu sereno e Santo.
- 85 «Ainda, ó grande Deus, em tal estado,
 Meu duro coração de vós s'esquece,
 Pelo Mundo em que está desamparado.
- «Ainda o Mundo ingrato desconhece,
 Aonde a vil infâmia tanto vaga,
90 Que muito além da morte permanece.
- «O delito mortal que tudo estraga,
 Perante vosso Trono Majestoso,

75. Para emendar a vida descuidada! *B*

82. Em meus] De meus *B*

89. Aonde] No qual de sorte *B*, tanto vaga] vaga *B*

92. Perante vosso] Perante o vosso *B*

É mancha que com lágrimas se apaga.

«A curta vida agora desditoso
95 Desampare este espírito; mas seja
Na longa eternidade venturoso.

«Perturbado o meu ânimo deseja
Que quando o Mundo todo me falece,
Só a clemência vossa me proteja.

100 «O peito cansa, a língua se entorpece;
Chegada sou ao trânsito penoso
Em que tanto a minha Alma desfalece.

«Socorra-me esse braço poderoso;
Vede que resignada em vós confio;
105 Valha-me o sangue vosso precioso.

«Só íntimos suspiros vos envio;
Só vos chama, Senhor, o pensamento,
Pois já se prende a voz no peito frio.»

Aqui o funestíssimo lamento
110 Finalizou; e quantos escutavam
Deram sinais de grande sentimento;

98. Que] De que *B*, o Mundo todo] tudo hoje *B*

110. quantos escutavam] todos pesarosos *B*

111. Manifestam seu triste pensamento. *B*

Que se as vozes no peito sufocavam,
Os semblantes mostrando pesarosos,
De compaixão suspiros exalavam.

115 Erguia consternada aos Céus piedosos
Os tristes olhos, lágrimas vertendo;
Os olhos, por desgraça tão formosos.

A fraca natureza estremecendo,
O colo ofereceu de neve pura
120 Àquele extremo golpe, o mais tremendo.

Foi despojo fatal da Parca dura
A mesma peregrina gentileza
Que floreceu nos braços da ventura.

Penetrai-vos d'horror e de tristeza,
125 Vós, do profano amor lisonjeadas;
Vede a que está sujeita a Natureza,
Filhas de Babilónia descuidadas.

112.-114. *Falta esta estrofe em B*

115. Erguia consternada] Aflita levantava *B*

120. A receber o golpe mais tremendo. *B*

122. A mesma] Aquela *B*

A elegia é formada por decassílabos, agrupados em tercetos e numa quadra final. Os tercetos obedecem ao esquema rimático ABA, sendo que B é sempre retomado como A da estrofe seguinte. A quadra apresenta como modelo rimático ABAB.

B. ODES

Testemunho manuscrito: BA, 49-III-66, f. 73v-78v (an.)

Ao mesmo trágico Assunto

Ode

Saiu o Sol no carro refulgente
A enxugar as lágrimas da Aurora,
 Que triste e descontente
Já chorava também àquela hora
5 A desgraça que estava aparelhada
Para Isabel, formosa e desgraçada,
 Que por ser delinquente
Servir de exemplo havia à humana gente.

Cresceu o tempo; veio a fatal hora;
10 Tomou princípio já o horrendo Acto;
 E a Fama, sem demora,
Vai enlutada apregoando o facto.
O Povo corre em chusma amontoada
Para atender àquela desgraçada,
15 Que com triste agonia
Do horroroso cárcere saía.

Seus lindos olhos fitos no chão leva,
Cheio o rosto de honesta devoção;
E não há quem se atreva
20 A que vendo-a não tenha compaixão;
Suas passadas move lentamente,
Chorando tão contrita e penitente
Que não era na pena
Já vaidosa Isabel, mas Madalena.

25 Das perfeições nativas os primores
Atraíam da gente os corações;
Não como antes, a amores,
Mas para pasmo só e compaixões.
Não tinha semelhança ao que antes era
30 Revestida de adornos e quimera;
Mas por caminho Santo,
Caminhava com puro e casto manto.

Vem aqui, ó Consorte desta Triste;
Vem ver a tua desgraçada Esposa;
35 E verás, se não viste,
A Tragédia mais dura e lastimosa;
Traze agora essa natural dureza,
Que o ser que tens te cobre de vileza;
E verás, Alma fera,
40 Teu coração de ferro feito em cera.

Porém, não venhas, não, Monstro tirano,

Horrorizar-nos com tua presença;
Pois como és desumano,
Tal companhia basta para ofensa;
45 Esconde-te da humana sociedade,
Pois quem falta à Consorte com piedade
Deve, com pena e mágoa,
Faltar-lhe a Terra, o Céu, o Fogo, a Água.

Não lhe perdoes, não, a vida embora;
50 Já remédio não tem; morra Isabel;
Mas com sua alma agora
Não sejas tão perverso e tão cruel.
Morra o corpo; mas ela, é impiedade
Que o Céu e a Terra ofende; e na verdade,
55 Se não tens acção boa,
Só esta faze agora e lhe perdoa.

Agora, que é preciso, agora sim,
Venha já o perdão, cruel Marido,
Que está dando já fim
60 Este caso funesto, nunca ouvido;
Mova-te a exercitares já piedade
Desta tua Consorte essa humildade,
Que nos degraus da Morte
Aflita assim te fala desta sorte:

65 «Meu Esposo querido, meu Consorte,
Pedaço deste aflito coração,

Abranda o rigor forte
E não queiras a minha perdição.
Bem sei que fui preversa e desleal;
70 Mas para que me queres maior mal,
Se ficas bem vingado
Em me teres a tal lugar chegado?

«Dá-me, dá-me (se acaso tens clemência)
O perdão de meus crimes horrorosos;
75 Mas se o dás com violência,
Atende àqueles laços amorosos
Com que da Santa Igreja a sábia Mão
Nos pôs em inviolável união;
Ou mova-te a concórdia
80 De Jesus a Exemplar Misericórdia.

«Põe um escuro véu sobre os meus erros;
Fecha os olhos à minha ingratidão
E quebra os ímpios ferros
Da lembrança da minha imperfeição;
85 Este castigo baste à torpe vida;
Mas não queiras minha alma ver perdida,
Pois terás cada dia
Um contínuo remorso de agonia.

«Este é pois o favor que aflita agora
90 Te peço, Esposo, nesta despedida,
Porque já nesta hora

Faço do Mundo uma total partida.
De me pores aqui eu te perdoo
E aos mais Acusadores e me doo
95 De que continuamente
A minha infausta morte achem presente.

«E vós, vasto concurso que esta cena
E trágico sucesso vendo estais:
 Se vos comove a pena,
100 Minhas lágrimas, meus sentidos ais,
Chegai por compaixão e por clemência
Aos Pés daquela Suma Omnipotência
 E suplicai-lhe agora
Por esta miserável Pecadora.

105 «E vós também, Eterna Majestade,
Mãe do Carmelo, Mãe dos pecadores,
 De mim tende piedade;
 Não queirais que os horrores
Do tenebroso Inferno chegue a ver;
110 E porque possa ter
 A Bem-aventurança,
Em vosso Amparo aqui ponho a esperança.

«Enfim chegou a hora, o tempo é findo;
Já da morte as prisões me vão ligando.

106. As palavras em itálico estão sublinhadas no original.

115 E quem me está ouvindo
A Deus minha alma vá encomendando.
E tu também, severo Executor,
Mata-me já, não tenhas de mim dor,
 Que em auxílios divinos
120 Vou c'os Anjos cantar eternos hinos.»

Aqui chegou a voz, pois na garganta
Lha deixou sufocada o duro nó;
 E com lágrima tanta
Não fica sem chorar uma alma só;
125 Aqui se viam ais; além desmaios;
Tudo da morte uns hórridos ensaios;
 E entre mal tão violento,
Se extinguiu de Isabel o humano alento.

Viu-se a alma do corpo separada
130 E caiu Isabel aos pés da Morte,
 Deixando assinalada
Nas almas dos Mortais a pena forte.
Assim findou a vida desta Triste,
Que sendo qual, ó Pecador, tu viste,
135 Da Memória no Templo
Esta lembrança guarda para exemplo.

A ode é formada por oitavas, que obedecem ao esquema rimático ABABCCDD. Quanto à métrica, o decassílabo alterna com o seu quebrado, o hexassílabo (vv. 3 e 7). Contudo, na estrofe 14.^a, são também hexassilábicos os vv. 4 e 6.

C. SILVAS

Testemunho manuscrito: BA, 49-III-66, f. 79r-81v (Francisco Xavier Lobo)

Ao mesmo Trágico Assunto

Silva de Francisco Xavier Lobo

Enfim, chegou aquele infausto dia,
Infeliz Dama, em que a tirana Sorte
Conduzir-te pertende para a morte!
Não bastou a piedosa diligência
5 A livrar-te das forças da violência!
Não, não bastou, que já (quem tal diria!)
Eu vejo a Turba popular, que crece;
E o vulgo em ondas caminhar parece,
Assim como alterado
10 Caminha o Mar às praias apressado;
O Velho, o Moço, o Nobre,
O Mecânico, o Vil, o Rico, o Pobre,
Concorrem todos do suplício à Praça,
Para verem (Mulher) tua desgraça.
15 Provera o Céu que vindo a ver teus danos,
Só viessem a ver seus desenganos!

Ai, Mísera! Já chegas onde eu possa

Ver quanto a Natureza te fez bela,
Para ser mais terrível tua Estrela!
20 Formosa desgraçada!
Flor na flor de teus anos mal cortada!
O tumulto se engrossa;
Minha alma se me agita e se conturba;
Ela contigo vai entre essa turba;
25 Sinto o meu coração de amor aflito;
Ou será compaixão; sei que no afecto
Nem me pode aquietar o teu delito
Para impedir as lágrimas que venham
E no meu coração lá se detenham.

30 Mas feio já se faz da Morte o aspecto!
Já pisas os degraus (oh, triste Sorte!)
Para subires a buscar a morte
Que o teu crime causou, que agora é pena.
Para eu ver-te apertar o laço horrendo
35 Não tenho alma; os meus olhos no chão ponho,
Que o meu sangue se gela; estou tremendo!
Cumpra-se em ti a Lei que assim o ordena.
Se valente não posso neste extremo,
Não quero ver que acabas, porque temo,
40 No insulto que a Beleza aqui suponho,
Desmaiar e morrer; e é vão projecto,
Se não pode valer-te o meu afecto.

Mas eu deliro, enfim, que transportado

Estou do teu aspeito namorado!
45 A beleza me arrasta poderosa,
Que atropela a razão quem é formosa.

Louvo a Justiça, sim, que sem vencer-se
Soube nas santas Leis hoje conter-se;
Siga o destino a força do pecado;
50 Se foi na realidade cometido,
Seja, como o Rei manda, aqui punido;
Aflijam-me os poderes do teu Fado;
E tu morre contente,
Conhecendo que foste{s} delinquente,
55 Pois quando a Gentileza se te estraga,
Pagas a muitos, dando a tua em paga.

Vede agora, ó mundanas Formosuras,
Que tanto afiançais nessas figuras
A beleza que encanta,
60 A idade que floresce tão pomposa
Que quando é mais gentil se murcha a rosa;
Que o vento leve ao menos a enxovalha;
Que se lhe troca a púrpura em mortalha;
Que quando na candura se adianta
65 O jasmim entre as galas se quebranta.

Desgraças e Belezas sempre se unem
E nunca nos perigos se desunem,
Pois o mesmo é Beleza contemplada

Que ser nos seus progressos desgraçada.
70 Esses dons que namoram,
Que roubam almas, que o juízo ofuscam;
Perigos que as vontades livres buscam
E a quem humanos peitos tanto adoram;
Privilégios que ostenta a Formosura,
75 Se escurecem no horror da sepultura
E não livram dos trágicos sucessos,
Por mais que a galhardia tenha excessos.

A silva apresenta uma estrofação irregular e é constituída por decassílabos que alternam com hexassílabos. Predomina a rima emparelhada.

D. ROMANCES HERÓICOS

Testemunho manuscrito: LC, P, 240, [f. 1r-2r] (an.)

Isabel Xavier Clesse (morta no Patíbulo) falando com seu Esposo e este respondendo-lhe, em 30 de Março de 1772

Romance Heróico

Não temer que me aperte o laço forte
Com que a Lei minha morte hoje promulga,
Ou fora presumir-me de inocente
Ou alarde fazer da própria culpa.

5 Confesso que [sou] Ré do meu delito;
Meu intento não é que se presuma
Que uma iníqua sentença me condena
Ou que a Lei a meu crime mal se ajusta.

Satisfaça-se a Lei, que pouco importa
10 Esta vida me estrague a Parca dura;
Não se diga que a Lei não castigar-me
Meu delito apadrinha ou dissimula.

A lembrança cruel que me atromenta,
Entre tanta aflição, tão triste angústia,
15 É saber que o Consorte é tão tirano

Que da morte os estragos me procura.

Ah, Consorte cruel! Ah, inumano!

Contigo falo agora; um pouco escuta

As vozes de uma triste desgraçada

20 Que a desgraça maior lhe foi ser tua.

Tens glória de me ver nesta prisão,

Dos ferros arrastar cadeia dura[?]

Teu gosto se acomoda aos meus estragos[?]

Minha morte cruel teu gosto adula[?]

25 Não desmaias de ver-me neste estado,

Exposta a tanta pena, a tanta injúria[?]

Dize: acaso quebrou-se aquele laço

Que tanto nos aperta e nos vincula?

O passares a climas tão remotos

30 Fazia{m} que perdesse a ternura?

Bebeste o leite acaso lá das feras

Da Silvânia, da Líbia ou da Bitúlia?

Mas, ah, que se hoje as feras me encontrassem

Nesta tris[te] aflição e cena obscura,

35 Comovidas talvez da piedade

32. Silvânia – Não conseguimos identificar este topónimo.

Bitúlia – Betúlia, cidade hebraica.

Lhe abatesse o furor, quebrasse a fúria.

As feras talvez fossem compassivas,
Sabendo reprimir no peito as fúrias;
Tu, tirano cruel, vejo não podes
40 Desfa[ze]r o rancor que o peito oculta.

Pois completos verás os teus intentos,
Porque a morte apressada já me busca;
Tristes laços já sinto na garganta,
Nas terríveis prisões das cordas duras.

45 A minha triste sorte hoje pertendes
Sacrifique cruel à vida tua[;]
Muito cara me custa a tua vida,
Pois não menos que a vida hoje me custa.

Responde o esposo

«Não, Consorte infiel, não me acompanha
50 O prazer ou rancor que tu me julgas;
Mais nobre coração em mim pondera.
Não te queixes de mim; a ti te culpa.

«Eu motivo não dei aos teus estragos;
Maquinaste-me a morte, acção foi tua.
55 Pois se a causa lhe deste, por que agora
Esses tristes efeitos me acumulas?

«Eu não fui que estraguei da fé os laços,
Porque a fé te guardei sempre a mais pura;
Tu quebraste o nexo e me deixaste
60 Um padrão imortal da eterna injúria.

«Um pouco pára agora, a voz suspende,
Com acordo melhor pensa e discursa;
Reflectindo também no mal que obraste,
Me dize se a teu mal achas desculpa.

65 «Se tu ver neste peito hoje puderas
Como o meu coração aflito pulsa,
Verias que da dor que por ti passa
Muita parte também em mim circunda.

«Na parte que o perdão a mim me toca,
70 Já minha compaixão terna o indulta;
Dispensar-te da lei somente pode
Da Régia Majestade a pena augusta.

«Quantos são delito[s] hoje agravados
A sentença to mostra bem difusa.
75 Foi o Rei, foi a Lei, também fui eu;
Minha parte é menor e muito às duas.

«Mais causas ponderar-te bem pudera,
Se não fora esta hora hoje oportuna.
Mas não quero aflição mais aumentar-te;

80 Da queixa paro a voz, fique a voz muda.»

Agora que do Esposo perdoada,
A morrer me conformo mais que nunca,
Pois benigno o Consorte me perdoa
A morte maquinada e ofensa sua,

85 Convosco falar, Céus, agora quero;
Atentos me escutai; a voz confusa
Se não deixa explicar os sentimentos,
Minha dor vos dirá as minhas culpas.

Na minha alma me pesa, ó Deus imenso,
90 De uma vida estragada e dissoluta
Não menos sentimento hoje me causa
Esta dor não ser dor igual à culpa.

Com a vida pagar quero, Senhor,
Ofensas que vos fez minha loucura;
95 Se no Mundo vivi sendo perversa,
Minha [alma] penitente hoje vos busca.

Como é característico do romance heróico, o poema é formado por quadras de versos decassilábicos, com rima toante nos versos pares, que se mantém do início ao fim.

E. SONETOS

6.

Testemunho manuscrito: BM, Poesias, p. 47 (an.)

Ao mesmo assunto

Caminhava Isabel, que infausto dia!,
Destinada a sofrer morte afrontosa;
O ser moça gentil, o ser formosa,
Da dura foice o golpe não desvia.

5 O Povo a terno pranto comovia,
Nesta jornada triste e lastimosa;
Se dor tanta inda viva era forçosa,
Suspensa no Patíbulo que seria!

A mesma mão do Algoz, acostumada
10 A desgraçados Réus tirar a vida,
Suspensa fica, trémula e assustada;

Da dura corda os laços lhe duvida,
Vendo a garganta tenra e delicada
Ao infame suplício oferecida.

8. A síncope é imposta pela métrica.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

7.

Testemunho manuscrito: BM, Poesias, p. 48 (an.)

Vai à forca Isabel, que desventura!,
Pagar do seu delito a atrocidade;
Não bastou a livrá-la a tenra idade,
O frágil sexo, a graça, a formosura.

5 Pendente o laço já da corda dura,
O tenro colo estraga a crueldade;
Suspensa a vida acaba e na cidade
A dor não cessa, não, tudo é ternura.

Assim morre infeliz, ao ser humano
10 Deixando nesta lúgubre tragédia,
Do seu nada o seguinte desengano:

Não há idade, por curta, larga ou média,
Que não possa sentir o mesmo dano
E representar no mundo esta comédia.

14. Este verso tem 11 sílabas.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

8.

Testemunho manuscrito: BM, Poesias, p. 49 (an.)

Não te envergonhe veres tanta gente
Por essas ruas para ti olhando,
Que tu já nessa acção lhe vás mostrando
Os enganos do Mundo negligente.

5 Deves agora só fazer patente
Que contrita os teus erros vás chorando,
Pois quem tal contrição for divisando,
Lhe fica que invejar-te o penitente.

10 Da vida as esperanças tens perdidas,
Porque assim manda a Lei; desenganada,
Busca na morte achar glórias subidas.

Então não temas verem-te humilhada,
Porque depois das cinzas confundidas,
Tudo é pó, tudo é fumo, tudo é nada.

9.

Testemunho manuscrito: BM, Poesias, p. 50 (an.)

Sobe, Isabel, a escada e vai beijando
Os seus degraus, que é justo que assim faças,
Pois nela finalizas as desgraças
E vais a eterna vida procurando.

5 Ao Santo Deus tua alma encomendando,
Brevemente do Mundo ao Céu te passas,
E se com ele aí firme te abraças,
Parabéns é razão que te vão dando.

10 Não te julgo infeliz; antes ventura
Nesse lugar alcanças na verdade,
Se em ti a contrição constante dura;

Nem outra coisa tenhas na vontade,
Que se o corpo se deita à sepultura,
A alma vai gozar da Eternidade.

10.

Testemunho manuscrito: BM, Poesias, p. 51 (an.)

Se até agora, Isabel, na infame vida
Apressaste o caminho à dura sorte,
Agora caminhando para a morte,
Só deves de buscar a eterna vida.

5 Se a beleza te deu louvor na vida,
Não te pode dar ditas para a morte,
Que se o delito teu faz o transporte,
Deve esquecer-se o ídolo da vida.

10 Não te acuse rancor que chegue a morte
Na flor da idade, porque uma tal vida
Vida não pode ser, mas feia morte;

Deixa pois que se acabe a infeliz vida,
Que neste horrível mundo tudo é morte
E só no Sacro Império tudo é vida.

11.

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 12v] (an.)

À mesma

Não temas suportar, Bela Heroína,
Os estragos da morte e dor veemente,
Que o tormento maior menos se sente
Em se unindo a Vontade à Lei Divina;

5 A razão o faz certo, a Lei o ensina,
Por Prodígios da Mão Omnipotente;
Chora as Culpas, que Deus benignamente
Te fará, pela dor, da Graça Digna.

10 Segue os passos ligeira do Destino,
Procura a mesma morte por vanglória,
Em teu socorro está o Deus Divino;

Pois se a pena da culpa foi notória,
A dor que arrependida te examino
Te muda a dura pena em doce glória.

12.

Testemunho manuscrito: LC, P, 240, [f. 2v] (an.)

Adeus, povo, adeus, Mundo, adeus, memória
De um caduco prazer; adeus cuidados
Desses gostos horríveis já passados,
Nessa vida mortal e transitória.

5 Hoje alcanço de vós a mor vitória,
Por juízos de Deus bem ordenados,
Apagando na afronta esses pecados,
Obstáculos terríveis de uma glória.

Contente a morrer vou, sem que turbada
10 Essa pena me deixe amarga e dura,
Pois é do Céu a mais segura escada.

Esse perdão da culpa me assegura
Considerar-me o mundo desgraçada,
Que eu na mesma desgraça acho a ventura.

13.

Testemunho manuscrito: LC, P, 240, [f. 2v] (an.)

Vinde, vinde, meu Deus; vinde, adorado
Amante da minha alma e meu querido,
Tantas vezes (oh, dor) por mim ferido,
Tantas vezes vendido e desprezado.

5 Vinde, vinde; mas, oh, como agravado
Haveis de vir a quem não tem vivido
Mais que para ofender-vos? E ofendido
Vireis como Juiz severo e irado.

Vós co{m} os braços abertos certamente
10 Suspensa me deixais; uma culpada
Pertendeis abraçar tão ternamente.

Oh, bondade de Deus sempre adorada!
Que basta só que chore o delinquente
Para a culpa maior ser perdoada.

9. A métrica impõe esta apócope.

14.

Testemunhos manuscritos: BM, Flores do Parnaso, III, [f. 12r] (Monteiro) = *A* / LC, P, 240, [f. 3r] (an.) = *A*₁ / BADE, FM, 424 (122r) (P.^o Macedo) = *B*

Versão de *A*

A Isabel Clesse, justificada por querer matar o Marido com uma ajuda de água forte

Morro, Esposo cruel, morro culpada,
Sofrendo do castigo a iniquidade;
Não tenhas compaixão, porque a piedade
Me faria contigo desgraçada.

5 Quiseste, bem o sei, ver-me infamada;
E para agradecer-te hoje a maldade,
Menos horror me faz essa impiedade
Que outra vez a teu lado estar ligada.

Tu, ímpio, tu, cruel, vês satisfeito,
10 Neste infame castigo que me oprime,

Legenda. Soneto falado com o marido *A*₁ A Isabel Xavier Clesse, condenada à morte por adulterar, em Lisboa *B*

3. piedade] impiedade *B*

4. Me faria contigo] Contigo me faria *A*₁

5. Quiseste] Quisestes *A*₁

10. Neste] Pelo *A*₁ *B*

A fera iniquidade de teu peito;

E se a recta justiça não me exime,
Que importa o terno laço ver desfeito,
Se a glória conseguir pelo meu crime?

11. A fera iniquidade] A fereza que encobres *B*, de teu] do teu *A*, no teu *B*

15.

Testemunhos manuscritos: BADE, FM, 424, f. 122v (an.) = *A* / LC, P, 240, f. [3r] (an.) = *B*

Versão de *A*

Resposta do Marido pelos mesmos consoantes

Caminhas ao patíbulo culpada,
Sim, Esposa infeliz, e a iniquidade
Do teu crime não sofre que a {im}iedade
Te houvesse de fazer mais desgraçada.

5 Conheço que a lembrança de infamada
Me horroriza no excesso da maldade;
Porém sinto que estimes a impiedade
Da ofensa que à minha alma tens ligada.

10 Se em morreres me deixas satisfeito,
Essa triste lembrança que me oprime
Abrigo não terá dentro em meu peito.

Legenda. pelos] nos *B*

1. culpada] por culpada *B*

3. não sofre] não *B*, {im}iedade] impiedade *A*

3. A análise semântica – e a consideração do conjunto das rimas – parece mostrar que se trata de um erro de *A*, pelo que decidimos acolher a lição de *B*.

Legenda. consoantes – Rimas.

A mesma compaixão a mim me exime;
Pois se estimas o laço ver desfeito,
De novo me confirmas o teu crime.

12. a mim] nele *B*

13. Pois] Que *B*

14. me confirmas] inda confirmas *B*

16.

Testemunho manuscrito: LC, P, 240, [f. 3v] (an.)

Despedindo-se do marido

Adeus, querido Esposo, adeus, Consorte,
Vou cumprir o meu fado e teu desejo;
E coberta de horror, cheia de pejo,
Caminho co{m} o algoz já para a morte.

5 Nem tu nem eu julgámos esta sorte
 Ou que me havia ver como me vejo;
 Mas são destinos tais que só te invejo
 O valor de os sofrer, o ânimo forte.

10 Perdoa minhas iras indecentes,
 Que eu te perdoo os dias depravados,
 Sem nos mostrarmos nisto diferentes.

Mas sabe que ambos fomos ajudados:
Eu na morte por vida de inclemente,
Tu na vida por morte de culpados.

4. A apócope é determinada pela métrica.

ABBA / ABBA / CDC / DC'D

17.

Testemunho manuscrito: LC, P, 240, [f. 3v] (an.)

Fala o marido neste Soneto

Como em teu brando peito, minha Esposa,
Criaste o Mo[n]stro horrível da fereza[?]
Do meu amor àquela chama acesa
Correspondes com ódio e cena irosa[?]

5 Não suspendas o golpe receosa.
Cruel golpe! Que fera natureza[!]
Que por fatal exemplo da vileza
Nos deixa a tua fama tenebrosa.

Mas, ah, que o Algoz o laço vai tecendo!
10 Choras[?] Meu peito feres, mas valer-te
Já não, não posso em teu castigo horrendo.

Se foi em mim vingança o ver morrer-te,
Nesse Impíreo onde estás ao Senhor vendo,
Não cheguem os meus olhos mais a ver-te.

18.

Testemunho manuscrito: LC, P, 240, [f. 4r] (an.)

Falando-lhe o Padre

Sobe a escada, Isabel, pois chega a hora
Em que vejas também o assento Etéreo
E que Cristo, Senhor de todo o Império,
Te perdoe o cruel ser de agressora.

5 A morte tu não temas, mas sim chora
O pecado tão grave de adultério,
Porque em um e em outro hemisfério
Te vale a Virgem Mãe Nossa Senhora.

10 Põe os olhos naquele Santo Cristo,
Reforça o peito de valor mais forte,
Pois em te confortar também te assisto.

Não julgues ser injusta a tua sorte,
Pois dessa contrição eu tenho visto
Que tens imortal vida desta morte.

19.

Testemunhos manuscritos: LC, P, 240, [f. 4r] (an.) = A / BADE, FM, 424, f. 123r (an.) = B

Versão de A

Aquela que tu vês tão descorada,
Sem ornato, sem pompa, sem riqueza,
É Isabel, a quem a natureza
Fez bela e a culpa desgraçada.

5 De povo inumerável rodeada,
Cheia de uma santa fortaleza,
Chegando vai à morte, a qual despreza,
Pois do mundo está já desenganada.

Do Algoz o gesto feio a não assusta
10 Nem lhe causa agonia a fria morte;

Legenda. À dita B

1. tu vês] ali vês B

2. sem riqueza] e sem riqueza B

4. e a culpa] a sua culpa B

6. Cheia] E cheia B

7. Chegando vai à] Caminha para a B

8. Pois do mundo está] Por estar do mundo B

Ter sido pecadora é que lhe custa.

Perdoa ao desumano Consorte;

A Deus pede perdão; oh, que acção justa!

Oh, que instante feliz! Que feliz sorte!

11. custa] assusta B

12. desumano Consorte] desumano, bárbaro Consorte B

12. Este verso tem 9 sílabas métricas.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

20.

Testemunho manuscrito: LC, P, 240, [f. 4v] (an.)

Falando com o Algoz

Homem, não tenhas dó, cumpra-se a Sorte,
Que o meu maior algoz é o crime horrendo;
Nele já a morte em vida estou bebendo,
Que é outro modo de morrer mais forte.

5 Cuido que inda do infeliz Consorte
Os ais escuto, os gestos estou vendo,
Que a criminosa mão me está tremendo
Como tremeu quando quis eu dar-lhe a morte.

A fé, a casta fé que merecia
10 O Santo nó que a morte só desata,
Não respeitei como respeitar devia.

Homem, não tenhas dó; resolve e mata;
Não farás mais do que fazer podia
Aquele mesmo a quem eu fui ingrata.

8. Tal como está, o verso apresenta 11 sílabas. Uma correcção possível seria a colocação do pronome pessoal antes do verbo.

11. Este verso também tem 11 sílabas.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

21.

Testemunho manuscrito: LC, P, 240, [f. 4v] (an.)

Beleza mais que todas desgraçada,
Quem te fez tropeçar num crime horrendo?
Eu mesmo me confundo e estou tremendo,
Agora que te vejo nessa escada.

5 O Céu outra te tenha perparada,
Nela os Anjos te estejam recebendo,
O Deus que o mundo todo está regendo
Te dê no Céu certíssima morada.

10 Praza a Deus, praza a Deus que esse tromento,
Essas últimas ânsias e cuidados,
Se acompanhem de bom {a}rrependimento.

Santos ditosos, Bem-aventurados,
Rogai, rogai a Deus neste momento
Que por vós lhe perdoe os seus pecados.

11. A métrica impõe esta aférese.

12. Este verso apresenta uma acentuação menos comum: 4-10.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

22.

Testemunho manuscrito: LC, P, 240, [f. 5r] (an.)

De Estrelas Isabel foi coroada
Para subir à Esfera apeteçada;
Com a morte alcançou os bens da vida,
A fortuna entre todos invejada.

5 Fica do duro Esposo acção frustrada
Na morte que lhe intenta desluzida,
Porque estando a vingança conseguida
A morte a fez feliz, não desgraçada.

10 Subiu ao alto Impíreo gloriosa
Por Anjos conduzida, ah, que ventura!,
Dos seus anos a flor a mais viçosa.

Consuma-se a desgraça por presura;
Vença a Sorte, Isabel seja ditosa,
Gozando aquele bem que sempre dura.

23.

Testemunho manuscrito: BADE, FM, 424, f. 123v (an.)

À dita

Do delito que fez já penitente,
Para o monte Isabel seus passos guia;
Tão constante a morrer que parecia
Os combates da morte ela não sente.

5 Já no monte aparece; e ali patente
De seus males perdão aos Céus pedia;
Dos brados com que o ar a voz enchia
Esse azul pavilhão seus ecos sente.

Já soluça, suspira, geme e chora;
10 E enquanto o verdugo o laço tece,
Para o Esposo perdão aos Céus implora.

Já seus olhos fechou; já emudece;
Sua alma sobe a ver a Deus que adora,
Seu corpo a sepultar-se à terra dece.

24.

Testemunho manuscrito: BM, Poesias, p. 8 (an.)

A Isabel Xavier Clesse

Correi, vizinhos meus, estai-me atentos,
Ouvireis o que ouvi lá na cidade;
Vi de gente um tropel que na verdade
Pareciam imagens dos tromentos.

5 Por todas as janelas mil lamentos
Nas mulheres ouvi com piadade,
E por saber tão triste novidade,
Para lá caminhei com passos lentos.

10 Chego enfim ao lugar da desventura,
Vejo uma mulher que desgraçada
Na feia morte troca a formosura;

Contrita vai subindo a vil escada,
E nas mãos do verdugo, entre amargura,
Deixa a vida infeliz; não vi mais nada.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

25.

Testemunho manuscrito: LC, P, 240, [f. 5r] (an.)

Epitáfio da sepultura

Caminhante que paras assustado
De ver esse catástrofe horroroso,
Observa nesse objecto lastimoso
O mais pérfido crime castigado.

5 Depois do casto leito ter manchado,
 Homicida quis ser do próprio Esposo,
 Abusando daquele fim ditoso
 Com que Deus ordenou tão Santo estado.

10 Vê aquela que em mimos da ventura
 Sempre foi de formosa celebrada
 Como troca em horror a formosura:

 Nos braços de um verdugo desmaiada,
 Vai sem pompa cair na sepultura.
 Já não tens mais que ver; segue a jornada.

26.

Testemunho manuscrito: BM, Poesias, p. 52 (an.)

Vós, formosas mulheres, que hoje viste
De Isabel o destino desgraçado,
Se o rosto não trazeis mais recatado,
A vossa perdição nisso consiste.

5 E tu, marido vil, que consentiste
A tua Esposa o luxo duplicado,
Devias ter-lhe logo perdoado,
Já que seus maus princípios permitiste.

Não vos fieis de vossas formosuras,
10 Pois creio que no mundo são indícios
De desgraças fatais de más venturas;

Reflecti de um marido os exercícios
E nunca vos fieis de tais doçuras,
Que elas trazem os caminhos p{a}ra os vícios.

14. A aférese é imposta pela métrica. Mesmo assim, o verso fica com uma acentuação menos comum:
1-3-7-10.

27.

Testemunho impresso: Maffre, L'Oeuvre Satirique, p. 295-298 (Nicolau Tolentino) = *A*

Testemunho manuscrito: BNL, 10570, p. 174 (an.) = *B*

Versão de *A*

A Isabel Xavier Clesse dando uma ajuda de água forte a seu marido

Que novo invento é este de impiedade,
Que extirpar gente vem pela traseira,
E para aproveitar-se da cegueira,
Fez pelo olho do cu a atrocidade!

5 Se a mulher por seu gosto fosse frade
De São João de Deus, parca enfermeira,
Com esta vocação de cristaleira,
Mataria os irmãos por caridade.

Mulher, que concebestes tal na bola,
10 E para abreviar do homem os dias,
Meteste o bem-fazer em carambola,

Legenda. Falta em B

2. Que extirpar] Que a extirpar B

3. E para] Que para B

9. concebestes] concebeste B

10. E para] Só por B

11. Meteste] Metendo B, em carambola] por carambola B

Se tens desejos destas obras pias,
Vai fazer aos hereges esta esmola,
Serás extirpação das heresias.

12. destas] dessas B

13. esta] essa B

14. Serás extirpação] Serás a extirpação B

28.

Testemunho manuscrito: LC, P, 240, [f. 6v] (Francisco Xavier Lobo)

Sátira aos curiosos que escreveram a respeito da justiça

Poetas infernais, quem vos não corta
Essas línguas malditas não nada;
Que mal vos fez a mísera enforcada
Que nem vos escapou depois de morta?

5 Que a força visse sem ficar absorta
E que subisse com valor a escada,
Que fosse bela e fosse mal fadada,
Tudo é bom; e a nós que nos importa?

10 Se a fome, enfim, se a vil necessidade
É quem vos faz falar tanta mixórdia,
Sabei que nós não somos da Irmandade.

Mas quereis um conselho e mais concórdia[?]
Olhai, ide pedir por caridade
Uma ajuda de custo à Mis{e}ricórdia.

14. A métrica determina esta síncope.

2. Este verso tem 9 sílabas.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

F. GLOSAS EM DÉCIMAS HEPTASSILÁBICAS

Testemunho manuscrito: LC, P, 240, [f. 5v] (an.)

*Matronas desta Cidade,
Olhai com olhos abertos
Quais são os lucros que tiro
De meus grandes desacertos.*

Glosa

Com o rosto macilento,
Com as brancas mãos ligadas,
Dava trémulas passadas
Isabel, triste protento[;]
5 A ser punida do intento
Da tirana iniquidade,
Pedindo ao Céu piedade,
Com gemidos os mais tristes,
Eu a vi e vós a vistes,
10 *Matronas desta Cidade.*

Nela está recopilado
O fim da desgraça fera
E no mesmo fim que espera

O castigo do pecado.
15 A qual coração malvado
Não aflige e faz apertos
O ver que seus desacertos
A matam na flor da idade[?]
Vede bem, ó mocidade,
20 *Olhai com olhos abertos.*

Chega ao lugar tenebroso
E com espírito forte,
Sem que se lembre da morte,
Dizia a Deus poderoso:
25 «Deus imenso e piedoso,
Amparai-me neste giro;
E vós, povo, a quem refiro
Minha cega leviandade,
Olhai da minha maldade
30 *Quais são os lucros que tiro.*

«Vós, dulcíssima Senhora,
Mãe daquele imenso Deus,
Fazei que os pecados meus
Se perdoem nesta hora.
35 Fui mui grande pecadora,
Fiz gala dos desconcertos,
Mas já com olhos abertos,
Com dor e com contrição,

{E}spero alcanceis o perdão
40 *De meus grandes desacertos».*

39. A métrica impõe esta aférese.

Mote: ABCB; Glosa: ABBAACCDDC.

30.

Testemunho manuscrito: LC, P, 240, [f. 6r] (an.)

*Vinde, mortais, vinde a ver
Uma alma que Deus criou,
Para o mundo desgraçada,
Para Deus não, que a salvou.*

Glosa

Já na terra está posto
O corpo de Isabel
E com a morte cruel
Vejo pálido seu rosto.
5 Este tirano desgosto
Me faz aflito morrer,
Porque cruel padecer
Este a meu peito traspassa;
Esta fúnebre desgraça
10 *Vinde, mortais, vinde a ver.*

Desse eterno e alegre dia
Tua alma gozando está.
Oh, quem me dera estar já

- Lá na tua companhia!
15 Da infernal tirania
Já o bom Deus te livrou
E enfim já te salvou
Desta horrível conquista
E goza da bela vista
20 *Uma alma que Deus criou.*
- Vivirás sempre gozando
Dessa bem-aventurança;
Peço tenhas lembrança
Lá de mim de quando em quando.
25 Eu por ti estou clamando
E tu não respondes nada;
Nessa celestial morada,
Vivirás sempre fiel,
Inda que foste, Isabel,
30 *Para o mundo desgraçada.*
- Ouve-me amante ternura
Dos lacrimosos gemidos,
Ouve-me os ais sentidos
Que causa esta pena dura.
35 Já da infame treva escura
Tua alma ressucitou
E para os Céus já voou,

23. Este verso tem 6 sílabas. Uma emenda provável passaria pela introdução da conjunção integrante.

De fé pura nunca exausta[;]
Inda que no mundo infausta,
40 *Para Deus não, que a salvou.*

Mote: ABCB; Glosa: ABBAACCDDC.

G. POEMAS EM DÉCIMAS HEPTASSILÁBICAS

Testemunho manuscrito: BM, Poesias, p. 40-46 (an.)

A Isabel Xavier Clesse, que deitou uma ajuda de água forte a seu marido,
pelo que morreu enforcada

Tendo seu marido doente,
A mulher dá-lhe um perinho,
Pois não faz ao coitadinho
Mal uma fruta inocente.
5 Mas agora novamente,
Sem ter homem de rezinga,
A mulher nele se vinga,
Sagaz, atrevida e astuta;
E por matá-lo com fruta,
10 Dá-lhe fruta de seringa.

Eu digo muito vaidoso
Que esta tal esguichadela
Não q{ue}ria eu da mão dela,
{A}inda por peça de entrudo.
15 O pobre, que era em tudo,
Pôs-se a jeito, aparelhado;
Ela, o discurso malvado!,

13. e 14. A métrica impõe estas aféreses.

Diz-lhe que é récipe fresco,
E em vez de dar-lhe um refresco,
20 Lhe deu um escalda-rabo.

«Esta mezinha lhe encaixo»,
Diz ao marido a mulher,
«Sofra-se quanto puder,
Que a saúde vai por baixo.
25 Hei-de ser ditosa, eu acho,
Pois nisto nada sou ruda;
Para fora a não sacuda,
Pois sei que há-de aproveitar;
Não se me ponha a rosñar,
30 Cale o bico e leve a ajuda».

Amiga de fazer mal
Ao doente, que é seu marido,
Do seu agrado fingido
Lhe introduziu o sinal.
35 Era mulher tal e qual
E era por modo travesso,
E chegou a tal excesso
Que para dar ao consorte
À traição secreta morte,
40 Lha encaixou pelo sesso.

A morte de algum consorte
Lhe quis dar, Deus nos acuda!

O Diabo lhe deu a ajuda,
Receitando a de água forte.
45 Ó malfeitora consorte,
Que o chegaste a consentir!
Bem se pode presumir,
Vendo tal modo de obrar,
Que quando o quis ajudar,
50 Foi só para o destruir.

Mostrou de esposa a amizade,
Mas lá por oculta via
Lhe encaixou a tirania,
Por acto de caridade.
55 Com toda a sagacidade,
Alhanando o seu refolho,
Prepara da ajuda o molho;
E porque o marido mexe,
Para que os olhos feche,
60 A seringa lhe abre o olho.

Casta esposa não parece
Quem tal faz, lo dicho, dicho;
Que esta marota de esguicho
O mal nas suas mãos crece.
65 O marido se esmorece,
Sendo um mocetão robusto,

62. lo dicho, dicho – Castelhanismo; o dito, dito; o que se disse está dito.

- Por sentir lá dentro o adusto,
Podendo entre tanta lida
Passar para a outra vida,
70 Com esta ajuda de custo.
- Com carinho que enamora,
Conseguiu feroz projectos;
{A}inda assim nos seus afectos
A mulher é matadora.
75 Por detrás esta traidora
Faz a guerra em boa paz[;]
Não se ocultam cousas más,
Que o mal que na ajuda coube
Logo seu marido o soube,
80 Fazendo-se por detrás.
- Os Curas das Freguesias
Tomaram de quando em quando
Esta para andar curando
Fregueses um par de dias.
85 A morte por estas vias
É agora a vez primeira[;]
Queira imitar-se ou não queira,
Mais teremos que temer,
Porque chegamos a ter
90 Uma Parca cristaleira.

73. A aférese é determinada pela métrica.

Se às vidas também dá corte,
Porque a maldade requinte,
Entre as três Parcas se pinte
Por ajudanta da morte.
95 Se esguicha assim desta sorte
Esta que é tão boa pinga
Que só por detrás seringa,
E se Átropos com que agoira
Tem na mão uma tesoura,
100 Esta tinha uma seringa.

98. Átropos (ou Átropo) – Juntamente com Cloto e Láquesis, era uma das Moiras, que regulavam a duração da vida com a ajuda de um fio. Ao contrário do que diz o poema, Átropo fiava, competindo a Láquesis cortar o fio.

O poema é constituído por décimas espinelas, que obedecem portanto ao esquema rimático ABBAACCDDC. Note-se que há contudo uma falha no verso inicial da 2.^a estrofe.

H. CARTAS

Testemunho manuscrito: BNL, 10570, p. 167-173 (Francisco Xavier Lobo)

Carta que Francisco Xavier Lobo escreveu a um amigo na ocasião em que sucedeu o caso da mulher pertender deitar uma ajuda de água forte ao marido

Senhor Lourenço Xavier,

Meu amigo, se é que o és; mas sejas ou não sejas, vamos com o uso e torno ao princípio.

Meu amigo, de quem eu sou bastante, e não digo *muito*, que neste lugar basta o *bastante*, saúde e mais saúde; quer isto dizer que tenhas saúde de sobejo para quando houveres de ter alguma enfermidade, que nessas ocasiões sempre faz muita falta, em companhia da Senhora tua Mãe, D. Luísa Liberata Xavier da Silva e Vasconcelos, que por sobrenome não perca.

Como tens por costume honrar-me pedindo-me novas minhas e de caminho as da Corte, as minhas são as que antigamente te mandei, novas velhas da minha passagem pobre e com queixas, sendo algumas da fortuna, que nunca para mim tem os pés ligeiros nem as mãos largas, venha ela quando quiser, se é que tem querer, que a falarmos sérios

Chamo-te fado mau, figura escura

Sendo só providência de Deus pura.

Não sei se fiz algum erro de prosa encaixando aqui um par de versos, como quem entre os versos houvesse de meter um palmo de prosa. Que te parece, amigo Lourenço? Com estes versos da fortuna faria eu alguma notável interrupção. Tu mo dirás quando me escreveres, que já não borro o que escrevi, ainda que seja uma parvoíce, que agora ia eu metendo o Latim de Pilatos no meu Português, que também seria uma linguagem mista e uma composição não sei como. Vamos adiante... Novas da Corte há entre más e boas, têm seus altos e baixos; ora se tu cá viesses, perder-te-ias entre pedra e cal; crecem as obras, faltam as palavras, edifica-se a Cidade e não o Povo. Com isto me não meto e ainda que dizem que os Lobos têm a vista muito prespicaz, vejo, ou simplesmente vejo, diz o contemplativo. Passo a dar-te uma notícia graciosa, notícia de Corte, calando outras [que] por mais sisudas devem ocultar-se ou não escrever em papel deriso; esta aí vai.

Chegou de fora da Cidade a esta um homem que tinha por cá deixado sua mulher, não sei se a este tempo era só uma; mas fosse ou não fosse, quando veio parece que ela tinha... Isto agora é pior que sarna; a falar a verdade, pelo que dizem, ela coçava-se porque lhe comia o corpo. Digo chegou, como já disse, com que ela teve um grande pesar, por levezas que tinha com certo oficialinho. E como se acharam ambos com habilidade, fizeram uma armação na câmara ao marido por esses ares. Tocou de corneta, como fez por Marte Vénus a Vulcano. Ora ele, que não sabia conservar o toucado, vendo-se em alguns espelhos, não gostava do enfeite que lhe tinha metido na cabeça, andava carregado bastantemente e, não sei se com o peso se com o quê, ado[e]ceu.

Oportuna ocasião pareceu à velhaca para ficar desembaraçada do jugo do matrimónio e não dar o seu a seu dono, mostrando pela regra de três que pela unidade não era um. Para confundir o marido, uma madrugada, antes que ele acordasse, lhe pôs na boca... Que cuidas tu que seria? Estarás discorrendo: seria isto?, seria aquilo?; pois não foi senão aquilo, a qual cousa conhecendo-se pelas partículas odoríferas, espantado por ver que tal porquidade lhe viera nunca à boca, ficou com

ela tapada. Tais visagens fingiu a embusteira que se capacitou o miserável ter a tripa voltada.

Convocou um Licenciado tal que veio este e fez um récipe de ajuda; tomou ela à sua conta o simples, fez a compostura, quis ser a enfermeira e introduziu na ajuda água forte. Que te parece? Se eu fosse gramático, amigo Lourenço, só aqui fizera uma interjeição, dizendo *Ah, bárbara*, mas não me quero meter com o alheio nem também sou retórico para acusar esta birbantona como género prejudicial. Deixo isto a Marco Túlio, que só ele o sabe executar com acerto, pelo que dizem, valha a verdade.

Feita a composição, como já disse, das águas brandas e fortes e mais ajuntos, mandou ela pôr o marido de modo de receber a ajuda, abriu-lhe o olho, tirou-lhe as cataratas e nem assim o pobre homem ver pôde o que recebia. Forte tentação! Esta foi uma do Diabo. Pegou na seringa, como quem pega em uma escopeta para empregar o tiro, e não pôs o olho à mira, pôs a mira no olho e, desfechando a arma, saiu a carga, entrando pelo intestino recto, por ser caminho mais breve de um ponto a outro, segundo os princípios Matemáticos. Não se matou o inimigo, mas ficou arruinado inteiramente, porque as tripas sentiram na alma a guerra feita nos Países Baixos. O marido clamava ofendido, a mulher dizia: «Não é nada, não é nada»; torna a clamar o pobre sobre quem o tinha seringado, cuja esguichadela lhe tinha levado coiro e cabelo. Acudiram mais alguns práticos, observaram seus sintomas e os que entendiam a física conheceram da mulher a metafísica e a delinquente. E por abreviarmos razões, foi levada a um segredo e dali não sairá sem castigo, se o fiel da balança da justiça estiver em seu lugar, sem inclinação; mas a beleza obriga e não roga, tu bem me entendes. Dizem que o marido na debadoura das barcas (sic), e contudo lhe perdoou o mal que lhe fez por detrás. Aí te mando um soneto a este caso, porque sei gostas muito do jocoso. Deus te guarde de seres casado e te dê saúde.

Teu amigo

Francisco Xavier Lobo

Segue o Soneto¹

¹ Trata-se daquele que começa por «Que novo invento é este de impiedade», tido como sendo de Nicolau Tolentino.

V. INFORMAÇÃO BIOBIBLIOGRÁFICA

SOBRE OS AUTORES DOS TEXTOS

1. António dos Santos Ribeiro

A este autor é atribuída a elegia «Agora que da dor menos cansado» (peça n.º 1). Conforme dissemos no capítulo II, supomos que há uma gralha na respectiva indicação de autoria, traduzida na troca dos apelidos: será antes *António Ribeiro dos Santos*.

De acordo com Inocêncio Francisco da Silva (1858: I, 247-256), nasceu em Massarelos, no Porto, a 30 de Março de 1745. Partindo aos 11 anos para o Rio de Janeiro, fez estudos preparatórios no Seminário de Nossa Senhora da Lapa. Regressaria a Portugal em 1764, inscrevendo-se no curso de Direito Canónico da Universidade de Coimbra e obtendo o grau de Doutor em 1771.

António dos Santos Ribeiro ocupou uma série de cargos importantes na administração pública, tanto de natureza cultural quanto judiciária. Entre os primeiros, destacam-se o de bibliotecário da Universidade de Coimbra, o de lente na mesma Universidade e o de bibliotecário-mor da Biblioteca Pública de Lisboa. Quantos aos segundos, merecem relevo o de Desembargador da Casa da Suplicação, o de Deputado do Santo Ofício e o de Deputado da Mesa de Consciência e Ordens.

Jurisconsulto, historiador, filólogo e poeta, Santos Ribeiro deixou uma obra vasta e diversa, que compreende trabalhos em prosa e em verso, em português e em latim, boa parte dos quais permanece até hoje inédita. Como investigador, são geralmente salientados os seus estudos sobre a cultura hebraica e sobre bibliografia. Destacou-se também como tradutor, vertendo para português a *Poética* de Aristóteles e a *Lírica* de Horácio. No domínio da poesia em português, as suas princi-

suas publicações são *Sonetos a Dona Ignez de Castro* (1783) e *Poesias de Elpino Duriense* (3 tomos, 1812 e 1817).

2. Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral

Um dos três testemunhos manuscritos que veicula o soneto «Morro, Esposo cruel, morro culpada» (peça n.º 14) apresenta como indicação de autoria *Monteiro*, que supomos referir-se a Domingos Monteiro (de Albuquerque e Amaral).

Conforme já tivemos oportunidade de provar¹, este autor nasceu em Lisboa e não, como afirma Inocêncio (1859: II, 193-194), em Murça. Quanto à data de nascimento, o distinto bibliógrafo aponta 16 de Janeiro de 1744, dado que não pudemos confirmar mas que se nos afigura verosímil.

Iniciou em 1759 os seus estudos jurídicos na Universidade de Coimbra e obteve em 1765 o grau de bacharel, alcançando a formatura nesse mesmo ano. Iniciou pouco depois uma brilhante carreira no aparelho judicial e administrativo, tendo ocupado, entre outros, os seguintes cargos: Juiz dos órfãos da Repartição do Meio, Promotor dos resíduos e cativos, Procurador fiscal dos defuntos e ausentes, Desembargador da Relação e Casa do Porto, Desembargador da Casa da Suplicação, Censor Régio, Deputado da Mesa de Consciência e Ordens, Conselheiro.

Quanto à data do seu falecimento, Costa e Silva, que lhe dedicou uma «Biographia»², declara apenas que «falleceu em avançada idade, supomos que no anno de 1826». Mais positivo é o autor do *Diccionario Bibliographico*, que afirma que Domingos Monteiro morreu em Lisboa, a 30 de Março de 1830.

¹ *Silva Alvarenga – Contributos para a elaboração de uma edição crítica das suas obras*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1994, p. 116.

² In *O Ramallete, Jornal de Instrução e Recreio*, 3.ª série, 6.º ano, n.º 298-303, Lisboa, 16 de Novembro de 1843.

Relativamente à obra literária deste autor, diz Inocêncio que «As suas poesias, que eram numerosas, e muito apreciadas dos contemporaneos, gosando de subido conceito as suas glosas em decimas, para que possuía um gosto particular, perderam-se talvez de todo, ou existem dispersas por mãos de curiosos, e algumas poucas se imprimirão anonymas».

A parte mais importante desses trabalhos vem inventariada no *Diccionario Bibliographico*, tendo sido depois completada por Alberto Pimentel no volume que dedicou à *Zamperineida*³. Mais recentemente, também nós tivemos oportunidade de acrescentar mais alguns elementos e de publicar dois poemas do autor, um dos quais inédito⁴. Essa inventariação mostra que a obra de Domingos Monteiro é pouco extensa e está longe de lhe assegurar um lugar de revelo na literatura da época.

Dentre os textos em prosa, merece destaque uma carta de reflexão teórica que, apesar de ter saído anónima e de ter provocado durante muito tempo opiniões desencontradas sobre a sua autoria, é inquestionavelmente de Domingos Monteiro, como tivemos oportunidade de mostrar no trabalho referido na nota ¹: *Carta escripta ao Senhor Domingos dos Reys Quita, que serve de resposta a outra, que lhe escreveu hum seu amigo; e corre impressa com os seus versos* (s.l., s. impr., s.d., mas certamente pouco posterior a 1766, ano da publicação das *Obras Poéticas* de Quita).

Quanto à poesia, oferecem hoje poucos motivos de interesse os textos de cariz encomiástico e circunstancial, como a ode que consagrou à inauguração da estátua equestre de D. José. Maior atenção devem merecer os seus poemas satíricos –

³ *Zamperineida – Segundo um manuscrito da Bibliotheca Nacional de Lisboa*, Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 1917.

⁴ *Silva Alvarenga – Contributos para a elaboração de uma edição crítica das suas obras*, ed. cit., pp. 115-122 e *Folgedos Escatológicos Inéditos do Século XVIII – Versos de Entrudo em metáforas fedorentas, uma Peidorrada e três Peidologias*, Porto, Edição do Autor, 1998 (cap. II – «Adeus,

sobretudo aqueles com que participou na *Zamperineida*, mas também alguns inéditos que se encontram nos cancioneiros manuscritos que recolhem a poesia da época – e obscenos, assim como as glosas em décimas que saíram anónimas no II tomo da *Collecção de poesias ineditas dos melhores autores portugueses* e que Inocêncio afirma serem da sua autoria.

3. Francisco Xavier Lobo

A este autor atribuem os testemunhos manuscritos que inventariámos a silva «Enfim, chegou aquele infausto dia» (peça n.º 4), o soneto «Poetas infernais, quem vos não corta» (peça n.º 28) e a carta «Meu amigo, se é que os és» (peça n.º 32).

Muito pouco se sabe sobre Francisco Xavier Lobo. Inocêncio (1870: IX, 390-391) é o único bibliógrafo que lhe faz referência, ainda que de modo muito lacunar. Na verdade, limita-se a dizer que era «Pintor de profissão, e que dizem manifestara algum genio para composições comicas, e para a poesia satyrica em muitas obras que deixara manuscriptas». Quanto à sua obra impressa, indica um único texto: *Devoção das mulheres da moda na igreja, e o modo com que nunca ouvem missa: em dialogo* (Lisboa, 1784; segundo o autor do *Diccionario Bibliographico* esta seria a segunda edição, tendo a primeira saído muitos anos antes).

4. José Inácio Barbosa

A este autor atribuem os dois testemunhos manuscritos que a veiculam a elegia «O acto da Tragédia lastimosa» (peça n.º 2).

Senhora, que eu parto – Oito glosas anónimas e a variação carnavalesca de Domingos Monteiro», pp. 115-122 e cap. VI – «A *Peidologia* de Domingos Monteiro», pp. 109-119).

A única coisa que conseguimos apurar sobre José Inácio Barbosa é a informação constante do Ms. 828, Série Vermelha, da Academia das Ciências de Lisboa, segundo a qual era «Beneficiado da Santa Igreja Patriarcal».

5. Manuel de Macedo Pereira de Vasconcelos

Um dos três testemunhos manuscritos que transmite o soneto «Morro, Esposo cruel, morro culpada» (peça n.º 14) apresenta como indicação de autoria *P.^e Macedo*, que supomos referir-se a Manuel de Macedo (Pereira de Vasconcelos).

De acordo com Inocêncio Francisco da Silva (1862: VI, 42-43), o autor nasceu na nova colónia do Sacramento, no Brasil, a 5 de Maio de 1726. Vindo para Lisboa, foi ordenado presbítero, ingressando na Congregação do Oratório, a 2 de Fevereiro de 1747. Terá regido, durante algum tempo, uma cadeira de Retórica e Poética no hospício de Nossa Senhora das Necessidades. Em 1760, passaria à condição de presbítero secular. Ainda segundo o autor do *Diccionario Bibliographico*, terá feito parte da arcádia Ulissiponense, sob o nome de Lemano. Desconhece-se a sua data de falecimento, mas admite-se que tenha vivido pelo menos até 1788.

A sua obra reparte-se entre a oratória sagrada e a poesia. A generalidade dos sermões e elogios fúnebres foi publicada pelo autor em folhetos autónomos. Quanto à obra poética, apenas a ode que dedicou à estátua equestre de D. José foi impressa em vida. As restantes composições foram editadas postumamente: parte saiu na «Biographia» publicada n' *O Ramalhet*⁵, ao que supomos redigida por José Maria da Costa e Silva; a outra parte foi incluída por Alberto Pimentel no volume que dedicou à *Zamperineida*, de que Manuel Macedo foi involuntário ini-

⁵ 3.ª série, 6.º ano, n.ºs 293-297, 12 de Outubro a 9 de Novembro de 1843.

ciador, com a ode «Formosa Zamperina», e posteriormente um dos participantes mais empenhados⁶.

Dos poucos investigadores que se referiram a Manuel de Macedo, apenas o autor da «Biographia» citada se pronunciou sobre a valia da sua obra, considerando que «Como Orador sagrado gozou elle no seu tempo da mais brilhante reputação, não só pelo polido da sua lingoagem, pela belleza de seus periodos sempre harmoniosos, assim como pela perspicuidade, e clareza com que expunha as doutrinas do evangelho, mas pela excellente voz, e a graciosa declamação, e gestos com que recitava os seus discursos». Quanto à poesia, aprecia muito favoravelmente algumas das peças que transcreve, concluindo no mesmo tom: «Avaliando o talento Poetico do Padre Macedo por estas poucas peças que delle nos restam, parece-nos, que se existisse impressa a collecção das suas Poesias, elle ganharia um logar mui distincto entre os Poetas de segunda ordem, que floresceram no seculo 18».

6. Nicolau Tolentino de Almeida

A este autor pertence o soneto «Que novo invento é este de impiedade» (peça n.º 27).

Nicolau Tolentino de Almeida, um dos melhores poetas satíricos do nosso setecentismo, nasceu em Lisboa, a 10 de Setembro de 1741. Frequentou Direito na Universidade de Coimbra, não tendo contudo chegado a concluir o curso. De volta a Lisboa, passa a ensinar Retórica, até ser nomeado, em 1781, Oficial da Secretaria de Estado de Negócios do Reino. Viria a falecer na sua cidade natal, a 24 de Junho de 1811.

⁶ O leitor interessado numa relação circunstanciada dos textos de Manuel de Macedo Pereira de Vasconcelos poderá consultar o nosso trabalho referido na nota ¹, pp. 120-121.

A primeira edição das *Obras Poeticas de Nicolau Tolentino de Almeida* saiu ainda em vida do autor (2 tomos, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1801). Em 1828, a Typografia Rollandiana viria a fazer uma segunda edição, acrescida de um terceiro tomo de *Obras Posthumas*. Mais tarde, em 1858, sairia uma nova edição com inéditos: *Poesias de Nicolau Tolentino de Almeida. Obras posthumas, e até hoje ineditas*, Coimbra, Imprensa da Universidade. Três anos depois, viria a lume nova edição, com mais inéditos: *Obras completas de Nicolau Tolentino de Almeida. Com alguns ineditos e um ensaio biographico-critico por José de Torres*; Lisboa, Editores – Castro, Irmão & C.^a, 1861.

Graças a dois trabalhos de Claude Maffre, Nicolau Tolentino é dos poucos poetas setecentistas que dispõe de uma parte significativa da sua obra editada criticamente: *Édition Critique et Traduction des Sonnets de Nicolau Tolentino de Almeida*, tese de doutoramento em Estudos Ibéricos apresentada à Universidade Paul Valéry; 2 vols., Montpellier, 1971; *L'Oeuvre Satirique de Nicolau Tolentino*, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1994.

VI. BIBLIOGRAFIA

A. Testemunhos impressos

MAFFRE, Claude

1994, *L'Oeuvre Satirique de Nicolau Tolentino*, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1994.

B. Testemunhos manuscritos

I. Academia das Ciências de Lisboa

– Série Vermelha

1. Ms. 828

II. Biblioteca da Ajuda

2. Ms. 49-III-66

III. Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora

– Fundo Manizola

3. Ms. 424

IV. Biblioteca Mindlin (biblioteca particular de São Paulo)

4. Ms. intitulado «Flores do Parnaso», vol. III

5. Ms. intitulado «Poesias»

V. Biblioteca Nacional de Lisboa

6. Cod. 10570

VI. Library of Congress

– Portuguese Manuscripts

7. Ms. 240

C. Outras obras citadas

CONCEIÇÃO, Fr. Cláudio da

1894², *Gabinete Histórico*, tomo XVII, Lisboa, Imprensa Nacional.

PIMENTEL, Alberto

1904, *O Lobo da Madragoa*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira.

PIMENTEL, Alberto

1917, *Zamperineida – Segundo um manuscrito da Bibliotheca Nacional de Lisboa*, Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor.

SILVA, Inocêncio Francisco da e ARANHA, Brito

1858, 1859, 1862 e 1870, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vols. I, II, VI e IX, Lisboa, Imprensa Nacional.

TOPA, Francisco

1994, *Silva Alvarenga – Contributos para a elaboração de uma edição crítica das suas obras*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

FRANCISCO TOPA

TOPA, Francisco

1998, *Folgedos Escatológicos Inéditos do Século XVIII – Versos de Entrudo em metáforas fedorentas, uma Peidorrada e três Peidologias*, Porto, Edição do Autor.